

-Esse tal de Jesus é mais uma invenção de vocês, homens supersticiosos. Lá no fundo o que vocês sentem é medo. Medo do amanhã, medo da morte, medo da vida. Para poderem se apoiar em algo criaram um deus. Só que este Deus estava muito distante. Foi então mera questão de tempo a criação de um mito humano. Um homem que fosse ao mesmo tempo deus e homem. É isto. Foram juntando aos poucos coisas ditas por uns, feitas por outros, aspectos de uma série de pessoas, fatos acontecidos com um tanto de gente em um só homem. E sabe o que mais? Para cúmulo de tudo, ainda inventaram ao final que este tal homem / deus, havia ressuscitado. Calma lá. Sou um ser humano inteligente e racional. Não me venham com lendas. Vocês pregam um mito em suas igrejas. Aliás, não é um mito. São dois. O mito do guru que pregava na Palestina dizendo palavras bonitas para o povo e o mito do fantasma. Um ressuscitado que passava pelas paredes e devia ficar assustando o pobre e influenciável povo.

Robson estava vermelho de raiva. Aquele discurso de Tomás o havia tirado do sério. Várias vezes, enquanto Tomás descarregava sobre ele seus argumentos, até que tentara retrucar, mas quem disse que havia jeito de se fazer ouvir. Era sempre a mesma história. Tudo, mais uma vez, se repetindo. Tomás se empolgando e só falando. Sua empolgação fazia com que se imaginasse talvez num estúdio de rádio, falando ao microfone de dentro duma cabine para uma audiência que não tinha como lhe retrucar os argumentos. “Como era possível um homem já em pleno século XXI vir com umas baboseiras daquelas?” dizia sempre Tomás nas discussões, negando a existência de Jesus. E isto era demais para Robson.

A criança mendigando um trocado e a aproximação do ônibus que levaria Tomás interrompeu abruptamente a discussão. Correndo para tomar a condução ele gritou para Robson. -Semana que vem, logo após a aula de filosofia, retomamos nossa conversa. Além disso, ele dizia, já com meio corpo dentro do ônibus. -Gosto muito de conversar essas coisas com você, um sujeito ponderado e que me escuta. Aliás, tem mais é que ser ponderado e me ouvir, porque no fundo você está totalmente convencido de que tenho razão. Tchau. Pense nisto tudo, viu? Vou acabar te convertendo. Gritou ele da janela enquanto o ônibus entrava no meio do trânsito caótico da cidade grande.

Robson abanou a mão e sorriu meio sem graça, ruminando a raiva de não ter podido, mais uma vez, dizer os seus argumentos – que com toda certeza, pensava ele – teriam convencido o amigo e adversário ateu. Isto caso Tomás tivesse dado chance para que ele também falasse. E o pior de tudo, disse em voz alta: -É que ele acha que sou ponderado e que não tenho argumentos. No ponto do ônibus, todos olharam para ele. Deu um sorriso meio sem graça para os desconhecidos e imediatamente após, uma cara de poucos amigos. E que não pensassem que ele era um louco que ficava falando sozinho.

Tarde ruim daí por diante. Chegou em casa sem apetite. No jantar comeu pouco. Não conseguiu ler o jornal. Liga a tv para assistir ao noticiário mas a única coisa que consegue se lembrar ao final dele é que o mundo e os homens continuam os mesmos. Muita miséria, muita violência, guerras, corrupção e, perdidas no meio dessa lama toda, vez ou outra, uma nota rápida sobre alguma coisa boa acontecida naquele dia. A cabeça estava longe. Estava na discussão iniciada na faculdade após a aula de filosofia do novo professor existencialista.

Na oração do dia, feita costumeiramente antes de dormir, muita dispersão. O exame de consciência só tem a cena com as palavras de Tomás retumbando em sua cabeça: “Esse tal de Jesus é uma invenção de vocês, homens supersticiosos...”. O final da oração é um pedido de perdão ao Pai pela raiva e vontade que teve o dia todo de ligar para Tomás para mandá-lo à merda.

Já era meia noite. Havia duas horas que estava deitado rolando de um lado para o outro da cama. Em sua memória veio muito nítida a cena vista anos antes do humorista na televisão que chegando em casa do trabalho e, somente estando diante dele a mulher, começava a vociferar argumentos para uma discussão havida no escritório horas atrás. A esposa perguntando: -Afinal, o que está acontecendo? E ele lhe explicando que tinha tido uma conversa dura com o chefe e que na hora, apesar de ter razão, não lhe vinham à boca os argumentos. Somente conseguia dizer: “ Ah, é, é? Ah é, é?” e mais nada. E que agora, chegando em casa, com a clareza da água pura do rio, vinham à sua boca todas as palavras que lhe haviam faltado naquele momento. Cansado, Robson dormiu. Se lhe tivéssemos perguntado como estava se sentindo, com toda certeza teria respondido: “Um perfeito e completo idiota”.

Ao acordar tentava se lembrar do sonho. Este era um antigo problema. Por que os sonhos eram tão vagos? Por que não conseguia lembrar-se da grande maioria deles? Do sonho da noite ficaram vagas lembranças. Escrevia uma carta. Uma carta imensa que não acabava nunca. O assunto dela e o destinatário, por maior que fosse o esforço que fazia enquanto se aprontava para sair, eram incógnitas.

Chegando à rua, descobriu que chovia. O primeiro ônibus que passa não atende ao seu sinal e vai em frente, direto. Estava lotado. O segundo, parou, mas não havia nele lugar para a viagem assentado. Robson, mesmo assim embarcou e duas quadras à frente, uma batida entre um táxi e um caminhão engarrafa totalmente o trânsito. Entre os dentes, para não pensarem de novo que falava sozinho, Robson murmurou: “só falta agora eu encontrar o Tomás para acabar de estragar este meu início de dia...”.

A Senhora gorda apertou a campainha e pedia licença para passar pelo corredor já cheio, enquanto o espremia contra o homem simples já de meia idade que cochilava sentado com o jornal caído entre as pernas. Robson, naquele grande desconforto, olhando para a janela do veículo sorri. À sua frente vê numa esquina a agência dos Correios e bem diante dela, uma igreja muito imponente, meio gótica, com vários mendigos, bêbados, velhos e crianças pobres em suas ricas escadarias de mármore.

-É isto, isto mesmo que eu tenho que fazer. A senhora gorda passando atrás dele com muita dificuldade vira-se pra trás e com a cara feia de quem está querendo briga fala bem alto.

-Por que está reclamando? Quer conforto? Que viaje então de carro. Afinal sou uma mulher pobre mas educada, viu? Eu lhe pedi licença para passar...

Em menos de 24 horas, pela segunda vez, o rosto de Robson queimava como se tivesse ido ao fogo. Pela segunda vez, por falar sozinho ele se via em apuros. Ontem, no ponto do ônibus olhavam para ele como se fosse louco e agora a mulher gorda estava achando que ele falara algo reclamando por ter sido espremido por ela. Até ia se justificar, mas a senhora já alcançava o último degrau e abria a sombrinha para proteger-se da chuva. No ônibus seus olhos procuraram aprovação nas pessoas em volta,

mas os outros olhares lhe devolveram indiferença e alguns até uma certa indignação talvez por acharem que ele havia destrutado a mulher gorda.

E ele pensou, agora com o cuidado do silêncio: Sim. É isto que tenho que fazer. Como não consigo fazer-me ouvir na discussão, vou escrever cartas para Tomás. Nelas poderei com toda tranqüilidade, expor meus argumentos e, por que não, conhecer os dele também de forma escrita, onde deverão estar mais claros nas cartas que com toda certeza ele enviará respondendo-me. E melhor ainda. Terei tempo para pensar e amadurecer meus argumentos. Em homenagem à idéia que tive vendo a agência dos correios ao lado da Igreja, farei a carta à moda antiga. Caneta e papel. Envelope e selo.

Pega o bloco e senta-se à mesa da varanda para escrever a primeira “carta catequética”. Rira muito com este título. Ele o dissera à Mônica justificando o porquê da sua recusa em ir com ela ao cinema. -Precisava escrever uma carta catequética, disse. Pôde sentir do outro lado do fio o espanto da amiga com as suas palavras. -Carta catequética? O que era isto? Por acaso virara pastor? -Depois explico. Disse ele gostando do clima de mistério que a expressão causara.

Espera. Esta carta merece uma música de fundo. Levantou-se e meio que automaticamente puxou um CD na prateleira dos clássicos: *A Paixão segundo são Mateus*, de Bach. No dia seguinte, quando levava o envelope para a agência do correio – tinha que ser aquela ao lado da Igreja gótica – ele caminhava pensando no porquê da escolha daquele disco e na sua opção pelo envio da correspondência pelo correio quando poderia enviá-la através do computador ou entregá-la naquele mesmo dia em mãos ao destinatário. -Não, dizia para si mesmo, -Esta é carta para entrega por carteiro. A carta catequética vale muito bem o selo que lhe pus.

“Caro Tomás,

a Paz!

Que bom que você gosta de conversar comigo sobre esses assuntos complicados como religião. Até este momento não posso dizer a você o mesmo. Não gosto de discutir com você sobre este assunto. Não consigo expor a você meus argumentos e ao final das nossas discussões fico sempre com o gosto meio amargo na boca de não ter conseguido falar da minha fé como queria e sei que tenho condições de fazer. Por isto, resolvi lhe escrever esta carta falando dos meus pontos de vista a respeito da nossa última conversa desta semana, encerrada quando você pegou o ônibus.

Vamos imaginar que eu tenha tomado a mesma condução e que nela continuamos a conversa. Só que é a minha vez de falar e você –e isto para mim é inacreditável – está com muita atenção me ouvindo e não, como sempre acontecia, já preparando novos argumentos para rebater os meus!

Tomás, esta história de que Jesus não viveu já rolou faz muito tempo. Isto foi papo do Século XIX. Hoje, qualquer autor mais sério, não importa se religioso ou não, sabe que esta discussão já se encerrou. Jesus de Nazaré foi um personagem histórico que viveu na Palestina então dominada pelos romanos há dois mil anos e isto não está apenas registrado por fontes cristãs, o que lhe daria chance para argumentar colocando-as sob

suspeição. A vida de Jesus de Nazaré também é registrada por historiadores não cristãos da época, tanto judeus quanto romanos.

Este homem histórico chamado Jesus tem a sua vida, principalmente aquilo que chamamos de sua vida pública, contada em livros chamados Evangelhos, palavra que significa boas novas. Durante muito tempo esses relatos da vida e obra de Jesus foram considerados como livros históricos. Isto é, acreditava-se que tudo que estava escrito neles havia acontecido da forma exata tal qual estava relatado. Hoje sabemos pelos estudos críticos realizados que não é bem assim. Eles são livros de fé. Livros que contam também a história, mas não exatamente como entendemos a história hoje. O contar a história é um mero apoio à vontade do escritor. O que os autores dos livros querem nos mostrar é que aquele homem não era somente um homem. Ele era o Filho de Deus e a forma de eles contarem isto buscava tão somente fazer-nos crer nesta verdade.

Muito da discussão sobre a realidade histórica de Jesus ganhou força quando o avanço das ciências começou a mostrar que a 'história' de Jesus tinha muitos pontos obscuros. Pontos que não fechavam quando comparados um evangelho com os outros, ou, pior ainda, quando colocados diante de fatos históricos conhecidos. Dentre vários, te dou o exemplo da questão do recenseamento ordenado por Augusto quando Quirino era governador da Síria (Lc. 2,2) e citado por Lucas. Este é um fato registrado nos Evangelhos como motivo para a viagem de José e Maria, grávida, até Belém. Sabemos hoje com bastante certeza que este censo não aconteceu nesta data referida pelo evangelista.

Não há livros mais estudados no mundo do que esses quatro livrinhos que chamamos de Evangelhos. Muitas ciências se uniram para estudá-los: a lingüística, a antropologia, a sociologia, a história, a geografia e muitas outras. Os frutos desses intensos e profundos estudos, aliados aos avanços científicos e às descobertas arqueológicas ocorridas principalmente no último século, nos mostram um Jesus de Nazaré muitas vezes e, em muitos aspectos, diferente daquele que vemos ser pregado em muitas Igrejas. Por isto, pensando agora mais calmamente, te dou uma parte da razão na conversa. O Jesus que muitos acreditam: um Jesus mágico, esotérico, guerreiro, guru filosófico e justificador de injustiças, realmente não teve existência histórica. Foi criado pela mente humana a partir do Jesus de Nazaré que estou querendo lhe apresentar.

Durante este tempo em que se julgava serem os Evangelhos livros também históricos, muitos homens tentaram escrever a vida de Jesus. É claro que não conseguiram. Não há nos livros bíblicos elementos suficientes para tal feito. Hoje já se tem muito claro que com os dados que temos à disposição tal tarefa é impossível, mas isto não quer dizer que não possamos ter acesso a Jesus, como muitos chegaram a pensar tempos atrás.

Lendo os Evangelhos sem o cuidado crítico para o qual lhe estou pedindo a atenção, podemos até ter a impressão de se tratar de relatos biográficos e históricos. Lá se contam a gravidez de Maria, o nascimento, muito pouco da infância, a vida pública, a morte e a ressurreição de Jesus. Mas, como já vimos, não é bem assim. Esses relatos, que são muito mais testemunhos de fé, foram escritos vários anos após terem acontecido os fatos narrados. O primeiro desses relatos, o de Marcos, foi escrito em torno dos anos 60, portanto, mais de 20 anos depois dos acontecimentos.

Repare então, e isto é uma das coisas mais importantes que quero te contar nesta carta, que os livros sobre Jesus foram escritos a partir da sua ressurreição. A partir dela os seguidores de Jesus de Nazaré, que com a sua paixão e morte haviam se dispersado, voltam a se reunir e a fazer uma nova leitura da vida daquele homem que eles seguiam. Um homem assim, tão especial, tão servidor, tão misericordioso, tão amante, só podia ser Deus. Ou em outras palavras: ‘Um homem tão humano assim, só podia ser Deus’, como dizia o teólogo Leonardo Boff repercutindo outro grande teólogo do Século XX, Karl Rahner.

O cuidado que devemos tomar na caminhada rumo ao conhecimento de Jesus é de não nos desviarmos nos atalhos que possam nos levar a falsos ‘jesuses’, que como já te disse mais acima, foram inventados, não tendo tido portanto existência no tempo e no espaço e de entendermos de forma distinta o Jesus histórico e o Cristo da fé, mantendo-os distantes um do outro, como se fossem realidades incompatíveis.

Lembre-se também, caso, como eu espero, você queira conhecê-lo, que não necessariamente precisará crer nele para ter este acesso. Muitos o estudam sem acreditarem no que nós, cristãos, acreditamos. Há inclusive ateus que escreveram livros, fizeram filmes e até poemas maravilhosos sobre ele. Só que eles podem até conhecê-lo muito, mas será sempre um conhecimento pobre, porque não estarão saboreando este conhecimento. Não sei se está claro para você o que quero dizer com isto. É como se você quisesse namorar a sua grande paixão, a Marta, apenas à distância, estudando o comportamento e as atitudes dela. Amar, você sabe muito bem, é muito mais que teoria, muito mais que estudo. E é isto que eu quero para você. Que você ame a partir do amor imenso de Deus que nos chega através do seu filho, Jesus.

Tomás, este é o convite que lhe faço: conheça Jesus, mas conheça-o não somente pelo estudo, mas, também pela fé. Afinal, os Evangelhos terminam com algo que para o nosso senso comum é muito louco e extraordinário. Algo que sei que você, na sua razão, não acredita (ainda – provoco): a ressurreição de Jesus. A esta parte nós só temos acesso pela fé. Como um homem de fé, termino a carta pedindo a Jesus de Nazaré - homem e Deus - que lhe dê também a fé para que você possa ir bem além do entender o homem Jesus.

Um grande abraço do amigo,

Robson”

Certamente Tomás não entendeu o sorriso enigmático no rosto de Robson quando se encontraram no dia seguinte na faculdade. A carta seguira e ele se pegou muitas vezes naquele dia tentando imaginar onde estaria naquele momento o envelope. Como ele a postou na quinta-feira pela manhã e a agente dos Correios lhe disse que carta para a mesma cidade seria entregue em no máximo dois dias, pelas suas contas, seria recebida no sábado, o que seria ótimo porque daria a Tomás tempo livre bastante para refletir e, quem sabe, escrever uma resposta. Como será frustrante se não houver resposta, pensava Robson com seus botões.

Após as aulas passou pela biblioteca. Queria levar algum livro de Cristologia para estudar. Precisava rever alguns pontos. Só de pensar em não saber responder a alguma questão trazida por Tomás, sentia calafrios. Sai da biblioteca folheando o livro escolhido. –Ei, Robson! É Mônica que o chama. Fecha o livro e lá vem ela com aquele sorriso largo e cativante que tanto o encantava. Se você acha que vai pra casa sem me explicar o que é esse negócio de carta catequética, está muito enganado. Vamos à lanchonete. Recebi ontem meu primeiro salário e apesar de não poder gastar muito, o café será por minha conta. –Com direito a muito pão de queijo? Se for, serei capaz até de escrever uma carta catequética também pra você. –Espera lá. Meu salário é muito pequeno e precisarei muito dele para outras coisas. Vamos combinar o seguinte. Café com leite e um pão de queijo para cada um. Está legal? –Claro, Mônica. Vamos logo. O pão de queijo da cantina já está me dando água na boca.

–Sabe o que é, dizia Robson após tomar o primeiro gole do café forte. –Este nome eu inventei no momento em que conversava com você ao telefone. –Espera lá. Quer dizer que não existe essa tal de carta catequética? Que foi uma desculpa para não ir ao cinema comigo? Se foi isto, pode começar a se preparar para pagar o seu café e pão de queijo... Robson dá uma gargalhada e começa a explicar toda a história.

Com olhos de criança ouvindo história, Mônica é toda atenção e ao final surpreende o amigo. –Puxa Robson. Que interessante. Eu até acredito em Deus, mas sei tão pouco dele. Fiz somente a primeira comunhão e depois disso, igreja pra mim só aconteceu em missa de sétimo dia e casamento de parentes. Vez em quando me pego como se tivesse uma nostalgia daqueles tempos inocentes quando me preparava para a primeira comunhão decorando pontos do catecismo. –Mas você não está pensando que ter fé, seguir a Jesus é decorar textos, não é? –Bem, foi assim que a professora fazia conosco quando criança. Não é assim mais? –Claro que não, Mônica. Você é adulta e precisa de uma fé adulta, sem “decorebas”. E não se esqueça. Fé não é saber apenas. Fé é muito, muito mais do que estudo e conhecimento.

–Vou te fazer um pedido, Robson. Posso? –Claro, Mônica. Agora quem está curioso sou eu. Quero saber o que você vai me pedir. –É simples. Você tem uma cópia da carta catequética?

A gargalhada de Robson chama a atenção do casal que namora na mesa ao lado. –Imaginei vários pedidos, mas acho que nunca seria capaz de pensar neste. Sim, tenho uma cópia, mas toda riscada. Posso passá-la a limpo para você. –É mesmo? Sabe que tive receio de que a carta não tivesse tido um rascunho ou, mesmo que tivesse tido, você o houvesse rasgado? Quero a carta catequética do jeito que ela está. Sem passar a limpo. Esta é a minha condição para o pedido. –Bem, se você não se incomoda em lê-la assim mesmo... Segunda feira a trarei para você.

Durante todo o tempo na escola e até a chegada em casa perseguiu-o o medo de ter jogado o rascunho na lixeira. Se isto tivesse acontecido, adeus cópia da carta catequética porque com toda certeza o lixo já teria sido recolhido e a esta hora já estaria passeando no caminhão da limpeza urbana pela cidade. Alívio. O rascunho estava lá. Intacto. Robson senta-se à escrivaninha e passa a limpo novamente a carta. Várias vezes teve que se conter para não modificar o texto, acrescentando ou tirando coisas. A carta catequética e a vontade da Mônica em conhecê-la pediam esta fidelidade.

Na faculdade, segunda-feira, tenta fingir indiferença à chegada de Tomás, mas não consegue. Ele vem sorrindo. -Cara, que negócio mais retrógrado este de enviar carta pelo correio!? Robson fica meio desconcertado e Tomás continua. -Gostei de receber sua carta. Eu a li duas vezes, mas não pense que vou respondê-la no papel. Vou respondê-la por e-mail. Você não usa computador? -Claro que uso. Pode responder por e-mail. Será até melhor porque dará mais agilidade à discussão. Além do mais.... deixa pra lá. -Além do mais o quê? Perguntou Tomás. -Nada não. Melhor não dizer a Tomás que a carta catequética também seria enviada à Mônica e a tecnologia facilitaria o envio.

A primeira coisa que fez ao chegar em casa foi ligar o computador. Alegria. Lá estava a mensagem de Tomás.

“Olá Robson,

Com a sua carta tive a confirmação de que vocês cristãos são conservadores. Onde já se viu? Em pleno século XXI você me enviar uma carta pelo correio? Mas vou lhe confessar uma coisa: eu gostei. Ela lembrou-me as cartas que o meu pai, homem muito religioso, escrevia para os seus amigos.

Quer dizer que esta história de que Jesus não existiu historicamente é café requentado? É coisa antiga já superada? Espera lá amigo. Posso até aceitar, mas quero estudar mais isto. Você não tem uma bibliografia para me indicar?

Agora, o Jesus que vejo falar dele, pregado pelas Igrejas e exposto nas mídias é totalmente diferente desse Jesus do qual você fala. Tem horas que vejo dizer de um Jesus distante, rei, poderoso e inacessível, ao meu modo de ver, aos homens. Em outros momentos e lugares o Jesus do qual se fala já é um homem, muitas vezes guerreiro, revolucionário. Em outros ambientes, um professor de moral, um guru enfim com seus seguidores. Parece que há muitos ‘jesuses’. Isto me deixa confuso. Você me explica?

Queria que você me explicasse também este negócio de fé. O que significa mesmo a fé para vocês? Para mim soa como algo meio mágico, meio infantil.

Outra coisa, a Bíblia e os evangelhos não são livros históricos? Se não são, como vejo muita gente interpretando-os ao pé da letra?

Você diz na sua carta que o primeiro evangelho, o mais antigo deles, foi escrito somente 20 anos depois da morte de Jesus. Por que não foi escrito antes? Por que demoraram tanto tempo para fazê-lo?

Uma última coisa, nunca será possível você me provar que esse Jesus ressuscitou. Túmulo vazio, como eu ouvi um cristão dizer, não é sinônimo de ressurreição e além do mais, esse negócio de morto ressuscitar vai contra toda a minha ciência. Já imaginou morto sair andando? Menos, Robson, menos.

Bem, agora você não pode reclamar que eu não o escuto. Além de ler e reler sua carta, a estou respondendo com essa série de perguntas.

Outro abraço,

Tomás.”

-Ele respondeu! Ele respondeu, repetia Robson a Mônica ao encontrá-la na portaria.

-Chegou o email dele em resposta à minha carta. Aliás, respondendo não, perguntando.

-Não estou entendendo. Como assim perguntando? -É que o correio eletrônico dele veio com algumas perguntas e sabe o que isto significa? Significa que ele mordeu a isca. Consegui mudar o formato das nossas discussões. O campo agora é outro e nesse campo eu tenho muito mais chances de fazê-lo enxergar uma série de coisas que ele teima em não ver. -Além disto, neste território você tem a minha torcida, falou Mônica com aquele sorriso que fazia o coração de Robson ficar batendo meio descompassado.

-Mas, espera lá, Robson. Você vai me falar desse email do Tomás depois. Primeiro ainda precisamos conversar sobre a primeira carta catequética. Robson sorriu sem graça. A ansiedade gerada enquanto aguardava a resposta de Tomás e a chegada do seu email, fez com que se esquecesse totalmente da cópia que fizera para Mônica. - Vamos à lanchonete. Acho que vou pagar pra você dois pães de queijo. Sabe, Robson, cheguei à conclusão que você merece muito mais.

-Pô, Mônica. Esse café com pão de queijo me dá água na boca Mas agora eu não posso. Tenho prova. Você me espera às nove pra gente ir? Aí teremos uma hora pra conversarmos. -Combinado. Te espero lá na lanchonete, boa prova.. -Obrigado, até as nove, então.

Não estudei o bastante e não estou me sentindo preparado, mas quem sabe, mesmo sem ter estudado muito, o estado de espírito conte ponto para se fazer prova. Se contar, estou feito. Já entro com dois pontos de vantagem. Robson foi pensando assim e sorrindo muito enquanto caminhava a passos largos para a sala de aulas.

-E aí? Como foi o teste? -Facílimo. Com certeza gabaritei, respondeu Robson enquanto puxava a cadeira para sentar-se à mesa com a amiga. -Mas me diga, Mônica. Seus olhos não me enganam. Você não está bem, vejo que está triste. O que está acontecendo? Nem preciso lhe dizer que aqui você tem um amigo.

-Pois é, Robson, desde que o vi tentei esconder a minha tristeza. Afinal, você estava tão feliz e eu não queria estragar a sua alegria. -Nada a ver, Mônica. Afinal, os amigos são para todos os momentos. Os bons e também os ruins. O que está fazendo com que você fique triste?

-É o meu pai. Não sei mais o que fazer. Ele está em depressão e só pensa em morrer. Há dois anos, depois de 25 anos de trabalho, ele foi demitido do banco. A agência onde trabalhava foi toda informatizada. Dos 20 funcionários, só permaneceram 5, coincidentemente aqueles que não são sindicalizados. A demissão foi um choque muito pesado, mas pior ainda foi alguns meses depois, quando papai descobriu que por causa da sua idade, 50 anos, não tinha mais chances no mercado de trabalho. Você nem pode imaginar o drama que estamos vivendo. Se não fosse mamãe estar vendendo produtos de beleza de porta em porta e eu ter conseguido um emprego temporário à noite numa loja do shopping, não sei como estaríamos sobrevivendo. Graças a Deus a escola é pública e por isto gratuita. Imagine, caso não fosse assim, eu não estaria conversando com você aqui neste lugar agora.

-Puxa, Mônica. Estou totalmente surpreso. Nunca seria capaz de imaginar uma coisa dessas. Pra mim, você tinha uma vida totalmente tranqüila e resolvida. Que coisa mais terrível isto que aconteceu com o seu pai e, conseqüentemente, com todos vocês na família! Sabe, isto é mais um dos frutos dessa sociedade em que vivemos. Um mundo baseado no individualismo e no lucro. Esta é uma sociedade perversa que faz com que uma minoria tenha cada vez mais enquanto a grande maioria vai ficando com as sobras. E o que mais me deixa incomodado e com raiva nessa história é que esse modelo já está mais do que caduco. Ele já provou pelos seus frutos ruins que não presta. Pois é, Mônica, estamos cada dia mais distantes daquele Reino pregado por Jesus....

-Que Reino é este, Robson? Fico até envergonhada de perguntar, mas, apesar de vir de uma família com uma mãe extremamente religiosa e ter um pai que até poucos anos atrás também tinha muita fé em Deus, sou totalmente crua nessas coisas de religião.

-Caramba, Mônica, já se foi o tempo que dispúnhamos para conversar. Estamos atrasados. Nossas aulas já devem ter começado e a gente nem falou da carta catequética que era o grande motivo do nosso encontro.

-Tem problema nenhum não, fez muito bem poder falar com você dos meus problemas familiares. Há muito tempo precisava de um ombro amigo disposto a escutar-me. A carta catequética fica pra outro momento. Quem sabe ela não fica também para uma carta? Vou fazer de contas que ela era endereçada pra mim. Acho que nem preciso fazer de contas. Ela era também pra mim porque me fez pensar e repensar coisas em mim e na minha vida. Aguarde no seu computador a minha resposta à carta catequética inicialmente do Tomás e agora também minha.

-Excelente, assim terei tempo para pensar e amadurecer o que devo responder, falou Robson já se levantando e pensando na sua tradicional dificuldade em elaborar e ordenar os pensamentos no calor das conversas e discussões.

Na volta pra casa duas coisas não lhe saiam da cabeça. Os problemas enfrentados pela família de Mônica e que diabos teria escrito que a fizera repensar coisas na sua vida? Repassava toda a carta na cabeça e não conseguia atinar com o que poderia ter sido. Afinal, não escrevera nada de especial ou profundo...

Na oração da noite rezou pela família de Mônica e também para que sempre estivesse aberto a acolher e escutar as pessoas que o procurassem. Até a hora de dormir ainda tentava descobrir o que foi que havia feito Mônica repensar coisas. Lembrou então dum fato contado por Dom Helder Câmara. Dizia o santo bispo que quando jovem era muito orgulhoso da sua capacidade oratória. Seus sermões eram muito elogiados e até outros padres acorriam às suas celebrações para ouvi-lo falar. Um dia, após a celebração, já na sacristia, vê chegar um homem que entre lágrimas vai lhe agradecendo pelas palavras da homilia que com certeza iriam fazê-lo mudar radicalmente de vida. Todo orgulhoso, Dom Helder, pergunta ao homem agradecido quais foram exatamente as palavras que lhe tocaram. Qual não foi sua surpresa ao ouvir do homem: “Ah, Dom Helder, foi quando o Senhor parou um instante de falar e disse: passemos agora à segunda parte. Nessa hora, senhor bispo, eu vi o quanto tinha sido vazia a primeira parte da minha vida e quão importante e necessária seria a minha passagem para uma segunda parte, com mais amor e doação para os outros. Eu que até agora fui extremamente

fechado e egoísta.” Abraçado ao homem, agora era Dom Helder quem chorava agradecendo a Deus pela lição de humildade recebida. Tantas palavras edificantes, profundas e ricas ele tinha pregado, mas Deus havia se valido duma expressão que teológica ou pastoralmente não queria dizer nada para mover o coração daquele homem.

Dormiu saboreando a história do bispo que ele tanto admirava e tentando imaginar o que lhe escreveria Mônica na segunda resposta da sua carta catequética. Lembrava ter tido receios de não haver uma manifestação de Tomás e agora já se via às vésperas de receber a segunda resposta à mesma carta enviada.

Ao abrir a janela notou que caía uma chuva fina. Aliada ao frio que fazia no início da manhã, ela era um atraente convite para continuar na cama. Mas havia muita coisa a fazer naquele dia. A entrevista para o estágio estava marcada para as oito horas. Era o tempo do banho, café rápido e da viagem até o centro da cidade. Queria muito esta oportunidade de praticar os seus conhecimentos até este momento adquiridos na escola. Estava chegando ao final do curso e não havia ainda conseguido um estágio. Além disto, havia também a questão da bolsa. Precisava do dinheiro para se manter sem precisar contar com o orçamento familiar, já bastante comprometido com os gastos normais da casa.

Gostou do entrevistador e tinha sérias dúvidas se a recíproca nesse caso era verdadeira. Achava que o psicólogo da área de recursos humanos não havia gostado da sua indecisão ao responder a pergunta: “Como você se vê daqui a 5 anos?” O consolo é que havia sido sincero. Afinal, não tinha nenhuma clareza no caminho a seguir daí por diante. Via-se numa encruzilhada. Dum lado o namoro, a busca de alguém muito especial – e nesse caminho só havia lugar para Mônica e seu sorriso tão doce. Do outro lado o chamado a uma intimidade maior com Deus, quem sabe através da vida religiosa. Ficou pensando como Jesus, jovem com a sua idade, teria respondido a essa pergunta do entrevistador. Teria ficado também indeciso ou já tinha clareza do caminho a seguir? Muito bem ele constatou. Nada mais havia a se fazer a não ser esperar o resultado da entrevista. Ele disse que em até uma semana já teria a escolha feita dos dois estagiários para a empresa. Imaginou como se numa ação maravilhosa de Deus, já houvesse passado aquele tempo e a resposta estava chegando, positiva obviamente, pelas mãos de um anjo. Balança a cabeça negativamente, rindo da sua imaginação. Acontecera com ele o que tanto já criticara em muitos. Querer que Deus interviesse na natureza para mudar o caminho natural da vida. Deus nunca faria isto, ele sabia. A ação de Deus se dá a partir da nossa inteligência, vontade e braços.

Já no ônibus a caminho da faculdade, vê, dois bancos à frente, o senhor mais velho, roupa bem gasta, lendo os anúncios de emprego do jornal já todo amarrotado. Lembra do pai de Mônica. Na sua cabeça passam os milhões de “pais de Mônica” também desempregados em todo o mundo. Fica imaginando as crises econômicas que podem ter havido na Palestina na época de Jesus. Vê na sua imaginação Jesus desempregado, andando pela cidade procurando trabalho para sustentar-se e também a Maria e a José, já idoso.

Ao descer do ônibus abriu seu melhor sorriso para o senhor idoso com o jornal de empregos amarrotado. Ele retribuiu parecendo meio assustado com aquele rosto jovem lhe sorrindo à sua frente. Já caminhando vê que da janela o homem idoso bate timidamente a mão para ele num até logo que Robson interpreta como uma bênção que

o velho lhe dava. Sentindo-se abençoado, caminhava pensando nas duas coisas que tinha por propósito fazer naquele dia, além das aulas a serem assistidas, é claro: a carta em resposta a Tomás e uma visita à casa de Mônica.

“Meu caro Tomás,

A Paz!

Que sensação boa eu tive quando recebi sua carta. Muito obrigado por me ter escrito. Ri muito com a sua constatação do meu conservadorismo (e também de todos os cristãos, você diz na carta). Mas será que somos nós que somos conservadores mesmo?

Penso no meu caso. Você nem imagina o quanto mudei no meu conceito de ser cristão a partir do momento em que comecei a estudar de forma mais séria esse tal de Jesus Cristo que hoje tanto me apaixona e que tento seguir no meu dia a dia. Se eu fosse tão conservador assim, teria ficado com aqueles conceitos velhos de café requentado (gostei da expressão. Faz todo sentido, afinal, ninguém agüenta café velho e requentado) que havia recebido da minha catequista quando criança. Não a culpo por isto. Havia todo um contexto e da mesma forma que a roupa que usei na minha primeira comunhão não poderia servir-me hoje, os conceitos infantis aprendidos então também não me têm valia na vida presente. Como eu te disse na primeira carta não há no mundo livros tão estudados como os Evangelhos e a ciência nesses últimos tempos avançou muito trazendo à tona muita riqueza escondida no conhecimento de Jesus. Você sabia que há autores sérios que até chegam a dizer que nós, homens de hoje, podemos conhecer mais coisas a respeito de Jesus de Nazaré do que São Paulo conheceu ao seu tempo?

Tomás, sua carta deixou-me feliz, como já disse, mas ao mesmo tempo preocupado. É que ela aumentou em muito minha responsabilidade. Suas indagações são profundas e acho que precisarei escrever um livro daqueles bem grossos para poder respondê-las todas. Com toda certeza, não será apenas em uma carta que terei condições de explicar-lhe tudo. Nesse aumento da responsabilidade, devo confessar-lhe uma coisa. Tomei a liberdade de passar para a Mônica uma cópia da carta que lhe enviei. Conversava com ela sobre as nossas discussões e da solução encontrada por mim de responder-lhe através de uma carta. Ela pediu-me então para lê-la. Espero que você não fique incomodado por eu ter feito isto. Só que ela se interessou também pelo assunto e quer continuar participando da história, o que aumenta ainda mais a minha responsabilidade, não é? Pediu-me inclusive pra ler a sua resposta. Caso me autorize, passarei a ela a sua carta. Estou autorizado?

Vou lhe indicar uma bibliografia básica. Aguarde. Estou revendo alguns livros para saber onde estão mais bem explicados os pontos que estamos discutindo. Vamos lá então ao início das respostas.

Não só os Evangelhos, mas também toda a Bíblia é entendida e interpretada por muitos cristãos como livros históricos. Tem gente até que ainda sai por aqueles montes do Oriente procurando os resquícios da arca de Noé. Esses cristãos são chamados fundamentalistas e acreditam em maior ou menor grau (alguns grupos acreditam piamente) nos textos bíblicos tal qual estão relatados. Como eles não são livros históricos, esse tipo de interpretação gera muitos problemas. Ao ler estes textos, nunca

podemos deixar de levar em conta que foram escritos para homens de outras épocas, com ciência totalmente rudimentar e inseridos em outras culturas, bem diversas das que temos hoje em dia. Trazendo o texto literalmente para os nossos tempos, haverá sempre o risco de estarmos tratando de coisas totalmente diferentes daquelas que o autor do texto quis tratar.

Por isto, quando formos ler alguma coisa muito antiga, como é o caso da Bíblia, devemos estar atentos ao que é dito pelo autor e também ao que ele quer afirmar com o que está dizendo. Quando se faz uma leitura fundamentalista, se fica somente no que é dito. Vou te dar dois exemplos. No primeiro livro da Bíblia, o Gênesis, que por sinal não foi o primeiro a ser escrito, está dito que Deus formou a mulher da costela de Adão. Isto é o que está dito. O que com toda certeza o autor do livro do Gênesis quis afirmar foi que a mulher tem tanta dignidade quanto o homem. Por isto ela é feita da matéria mais nobre no ser humano, aquela situada ao lado do coração. Não se pode esquecer que este foi um texto redigido, a partir de relatos orais mais antigos, para uma sociedade que definitivamente não valorizava o papel feminino.

O segundo exemplo está no Novo Testamento, no livro chamado Atos dos Apóstolos. Nele, Lucas, que é o seu autor, diz três vezes que Pedro entrou na casa de um homem que curtia couro. O que ele quer afirmar com este dito é que com o cristianismo não havia mais discriminação e que todos os homens têm a mesma dignidade perante Deus. Repare que os trabalhadores de curtume eram desprezados pelos judeus daquela época. Esta era considerada uma profissão muito impura e os judeus não podiam freqüentar as casas das pessoas que não estivessem nem fossem puras.

Viu como é complicada esta questão de interpretação literal de textos Bíblicos? Espero ter ficado bem claro pra você que eles não são definitivamente livros históricos. A este respeito, vai aqui uma última consideração. Apesar de não ser histórica, há dentro da Bíblia também história, como tem também poesia, literatura, lendas, épicos e outros tipos de textos.

Muito interessante esta questão que você coloca do porquê não foram escritos antes os evangelhos. A resposta é bem simples. Eles foram escritos quando as comunidades cristãs sentiram necessidade deles. Quer dizer. Eles não foram escritos nem antes nem depois do tempo. Foram escritos na hora exata. Os registros se deram quando as primeiras comunidades nas quais viviam os evangelistas sentiram necessidade de terem firmado de forma escrita os fatos a respeito da vida de Jesus e principalmente da sua morte e ressurreição. Aliás, é interessante notar que a palavra evangelho, que como já te escrevi, significa boa nova, não denota em princípio um relato escrito, originalmente evangelho tem o significado de boa nova narrada oralmente.

Os estudos históricos e críticos dos evangelhos mostram muito claramente que nas suas construções existem três camadas como que superpostas. Da primeira camada fazem parte as palavras e feitos acontecidos antes da ressurreição de Jesus (pré-pascuais). A camada seguinte já é uma camada onde se faz teologia. Nela a comunidade faz a interpretação, explicação e eventualmente até a redução dos fatos e feitos de Jesus. A terceira camada é a escolha do material a ser copiado, sua preparação dentro dos critérios definidos pelo evangelista para melhor atender a seu objetivo específico e suas redações até chegar ao texto que temos hoje. As segunda e terceira camadas são pós-pascuais, quer dizer, foram redigidas depois da Ressurreição, quando as

comunidades, fazendo teologia, iam interpretando os fatos acontecidos durante a vida de serviço de Jesus de Nazaré.

Além dos quatro evangelhos aceitos pela Igreja como canônicos, há vários outros chamados evangelhos apócrifos, o que quer dizer ocultos. Esses textos foram todos escritos já no século II e não têm, a não ser em algumas palavras que, com alto grau de certeza, são originárias de Jesus, nenhuma novidade importante. Muitos desses apócrifos são já influenciados, por estarem temporalmente bem distantes dos fatos, por alguma fantasia a respeito da vida de Jesus.

Você ouviu dizer e a partir daí passou a acreditar que o túmulo vazio é prova da ressurreição de Jesus. Está enganado. Nós cristãos não consideramos este fato como uma prova de que Jesus tenha realmente ressuscitado. Várias coisas podem ter acontecido para que o túmulo estivesse sem o sepultado e a mais plausível delas é que alguém por algum interesse – e havia muitos interesses em jogo – pudesse ter ocultado o corpo.

Para compreendermos a questão da ressurreição de Jesus, temos primeiro que definir o que entendemos por fato histórico. Para nós, um fato histórico é aquele que podemos datar, observar e registrar pelos nossos sentidos. Absolutamente, não era assim que aquele povo e conseqüentemente os evangelistas entendiam este conceito. Fato histórico para eles era simplesmente algo que tivesse impressionado as suas sensibilidades, independente da questão de poder ou não ser observado pelos cinco sentidos humanos, um sonho por exemplo. Toda vez que eles queriam, por exemplo, mostrar a ação de Deus entre os homens, diziam da vinda de um anjo ou que os céus se abriram. Para eles isso era fato histórico. Para nós, não passa de metáforas para demonstrar um sentimento interno que não pode ser observado nem captado por meios aceitos cientificamente.

O mesmo se dá com a ressurreição. No nosso sentido moderno ela nunca poderá ser um fato histórico porque vai muito mais além dele. Nunca poderemos provar a ressurreição por algum teste científico. Ao mesmo tempo, observando com os olhos da fé, podemos dizer que nunca também poderemos provar que Jesus não ressuscitou.

A partir do que acabo de dizer, imagino que você deve estar se perguntando: O que é então a ressurreição? A resposta é bem curta e ao mesmo tempo muito profunda: A ressurreição é um ato de fé. Nenhuma ciência tem condições de prová-la. E por falar em fé, está na hora de tentarmos dar uma resposta à sua indagação.

A fé cristã é uma opção pessoal que pressupõe sempre o risco de crer em algo que não posso provar. É uma concordância ampla e irrestrita, no nível pessoal, com todas as forças que tivermos em nosso corpo e espírito, na mensagem cristã e naquele que ela anuncia. É ao mesmo tempo, ato de conhecimento, ato de vontade e de sentimento. Uma confiança que inclui a aceitação como verdade. A partir dessa aceitação, começa a acontecer de fato a experiência pessoal da fé. A experiência que a princípio tem que ser pessoal deve ir se ampliando até que se viva de forma comunitária esta realidade de fé.

Ela não é só um ato de inteligência porque não é conhecimento teórico, não bastando eu aceitar textos muito bem elaborados ou dogmas. A fé não é também só o esforço da vontade. Conheço bastante gente, muito bem intencionada e que gostaria muito de crer.

Gente que se esforça bastante para isto mas que por não ter a abertura interna necessária para a ação de Deus em seu coração, não consegue acreditar. Nós todos temos a graça de Deus para isto. O problema é o querer, o dispor-se, o abrir-se a ela.

A fé é um salto no escuro, um caminho que sigo apesar de não ter claras evidências, mas que fique claro, vou repetir, ela não depende da minha vontade apenas. Posso ter toda vontade do mundo, mas se não tiver a abertura interna para aceitar a graça de Deus em mim, não significa que terei a fé. Muitos pensam também que a fé é só um ato emotivo. Vão a uma celebração com muitos cantos, encenações, jogos de luzes, se emocionam e saem dizendo, ah, eu agora tenho fé. Triste engano. A fé pode pressupor até a emoção, mas vai também muito além disto. A noite escura de muitos santos mostra esta evidência. Na aridez, sem nenhuma emoção eles mantêm viva a fé.

Veja só, Tomás, como não são simples muitas vezes as respostas que temos que dar às dúvidas que temos em relação à Jesus, o Cristo. Para melhor entendermos a ressurreição, tivemos que gastar um bom pedaço da carta para tratarmos da sua outra dificuldade. A questão da fé cristã.

E por falar em ressurreição, só mais uma coisa. Muitos têm a idéia de que ressurreição é a revivificação de um cadáver. Nada disto. Revivificação foi o que ocorreu, por exemplo com Lázaro. Ele reviveu, mas depois morreu novamente, como todos nós um dia morreremos. A ressurreição está num outro plano. Ressuscitados, nunca mais morreremos.

Bem, você já deve estar cansado. Só agora reparo como está longa a carta. Dos seus questionamentos ainda falta um ao qual quero dar uma atenção maior. Trata-se da questão dos vários “jesuses” que vemos pregar nas Igrejas e que você muito bem lembrou, são até muitas vezes conflitantes entre si. Pregam-se “jesuses” que em alguns momentos estão bem próximos dos homens e em outros se colocam lá no horizonte, longínquos, indecifráveis e impossíveis de serem modelos para serem seguidos por nós, homens. O problema é que nós, os cristãos, acabamos criando um distanciamento entre o Jesus histórico, aquele Jesus que andava pela Palestina e o Cristo da fé, o Jesus glorificado a partir da ressurreição. Você nem imagina o quanto de confusão esse distanciamento vem causando desde o início do cristianismo. Hoje mesmo na Igreja podemos identificar várias dificuldades e conflitos gerados por este afastamento. Iremos falar mais sobre essa distância entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, mas este é assunto grave e grande. Por isto, considerando que se continuarmos com a resposta a este outro tema nesta carta ela se tornará um livro, vou parando por aqui. Quem sabe essa parada não seja até interessante para que você possa refletir com mais calma sobre essas coisas que tento lhe explicar.

Um grande abraço e que O Pai de Jesus, a partir da sua abertura para o acolhimento, lhe conceda a fé para que você creia que Ele, o Filho, é o nosso salvador.

Seu amigo,

Robson”

Relida a carta no computador, Robson se dera conta do quanto estava cansado. Escrever a segunda carta catequética o deixara esgotado. Mas estava feliz. Além do cansaço veio uma fome imensa e imediatamente após ter enviado o email e desligado o computador, a geladeira foi assaltada sem nenhuma dó nem piedade.

Após a oração da noite, ao fazer seu exame de consciência, colocou nas mãos do Pai os amigos, Tomás e Mônica, as duas pessoas que receberiam aquela carta. Que elas tivessem o coração bem aberto para aceitar as palavras que ele estava enviando a elas. Dormiu refletindo no fato de que Jesus não nos deixou nenhuma palavra escrita. Além de não ter escrito nada, Ele também não deixou para os seus discípulos nenhuma orientação, que nos tivesse chegado, sobre como deveriam proceder para redigir os evangelhos. Agradeceu ao Pai pela inspiração dada aos evangelistas para que registrassem a vida de Jesus e reclamou também com Ele por não terem tido os quatro escritores um maior cuidado em deixar registradas mais coisas a respeito dele. Ah, como seria fantástico se eles nos tivessem deixado, nos moldes que temos hoje, a “biografia autorizada de Jesus de Nazaré”, murmurou Robson já meio dormindo.

Ao fazer a barba pela manhã, tentava imaginar um método para deixar registrados os sonhos. Tinha certeza, até pelo seu não muito comum bom humor ao acordar, que tivera sonhos muito bonitos àquela noite, mas quem disse que era capaz de lembrar-se pelo menos do assunto sonhado.

Teve vontade de ligar o computador para enviar cópia da segunda carta catequética para Mônica e, por que não, verificar se já havia resposta de Tomás. Sorriu do quão louco tinha sido esse seu pensamento. Não tinham se passado nem dez horas do envio do correio e é claro que o Tomás não havia varado a noite lendo e respondendo o seu email. Ponderou também com seus botões que não seria legal enviar a cópia de Mônica sem a permissão do destinatário primeiro, Tomás, da carta. Vez em quando lhe vinham dúvidas se tinha feito bem em ter dado cópia da primeira carta para a amiga.

Calçando os sapatos, guardados atrás da geladeira para que secassem durante a noite, repara que ainda estão bem úmidos. Franze o rosto na constatação ao sair de casa que continua chovendo. Hoje mais forte do que ontem. Pensa nos problemas que esta chuva já de dois dias pode estar trazendo para tantas e tantas famílias que moram nas encostas dos morros em volta da cidade. Pensa também na falta que aquela chuva está fazendo em grande parte do país onde há seis meses não cai uma gota de água. Pensa em pedir a Deus para que desvie a chuva da cidade para os campos, mas resolve mudar o pedido.

Reza suplicando ao Pai para que dê sensibilidade aos cientistas e aos dirigentes dos países desenvolvidos para que mudem seus planos de pesquisa, para que ao invés de tecnologias de guerra e destruição eles apóiem e trabalhem em projetos voltados para o aumento da capacidade humana de resistência às intempéries do tempo e, principalmente, para que estas tecnologias, na medida em que forem desenvolvidas, sejam colocadas à disposição de todos. Principalmente daqueles mais pobres. Que as novas tecnologias não acabem se tornando novas reservas de mercado e maior suporte à opressão dos mais ricos sobre os excluídos da terra.

Sai do ônibus correndo para não se molhar muito. Parece um dilúvio a chuva que cai quando chega à universidade. Chega à portaria do prédio já bem molhado e levantando a cabeça repara que há um bolo de gente à porta impedindo a entrada.

A faixa estendida enche-o de raiva e impotência: “Servidores da educação e professores unidos na defesa dos seus salários. Estamos em greve”. Logo hoje, logo no final do semestre. Seus planos de viajar nas férias vão por água abaixo. Com toda a certeza a greve não terminaria em poucos dias. O governo já anunciara que não havia dinheiro para se pagarem os salários atrasados do funcionalismo. No piquete repara nas pessoas simples que o compõem e se sente envergonhado pela sua reação de raiva ao perceber o movimento grevista. Vem à sua cabeça os direitos dos trabalhadores na educação. No quanto têm sido explorados, no quão ridículos são os seus salários. Tem vontade de pedir desculpas à mulher que com rosto indignado lhe passa um panfleto explicativo do movimento, onde os grevistas afirmavam que estariam em vigília naquele lugar até que houvesse uma solução para a greve.

-Bem, não há nada a fazer aqui. Todos os prédios estão fechados. Não há nem um lugar para me proteger desse dilúvio, fala pra si mesmo entre os dentes. Corre então em direção ao ponto do ônibus. O melhor que havia a fazer era voltar pra casa. -Robson! Robson, lhe chama Mônica protegida sob a marquise da loja de brinquedos. Muda a direção da corrida e vai até ela.

O sorriso que tem em seu rosto ao encontrar-se com a amiga não combina em nada com os olhos inchados e aspecto cansado de Mônica. -O que houve com você? Esta sua expressão de tristeza é pela greve? Pergunta Robson de supetão.

Mônica sorri sem graça e ali mesmo, em meio às pessoas que se escondem da chuva, começa a lhe contar o quanto havia sido triste a sua noite. Ficara estudando até bem tarde. Acordara em meio à madrugada parecendo ouvir alguém que chorava entre soluços abafados. Pensou estar sonhando e até virou-se para o outro lado na cama, mas o choro continuava e agora tinha certeza que era algo real e que também não era em algum apartamento vizinho.

Levanta-se e chorando no sofá da sala ela encontra seu pai, o rosto escondido pelas mãos. Mônica o abraça e pergunta o porquê de tudo aquilo. O pai então lhe fala do desespero que sentia, da impotência e indignação que tinha por se sentir inútil, incapaz de sustentar a família por não conseguir um emprego. Diz à filha que havia decidido dar cabo a este sofrimento dando fim à sua vida, mas que ao chegar à sala, pensara muito nos filhos e não tinha tido coragem de cometer o ato insano.

Abraçada, Mônica chora também com ele e em silêncio agradece a Deus pela vida do seu pai. Por ele não ter concretizado o suicídio. Lembra-se de Robson, da conversa sobre Deus e das discussões com Tomás que tinham gerado a tal da carta catequética. Tenta então lhe falar de Deus, do seu amor e do seu projeto de um mundo mais justo, mais humano e onde todos pudessem se sentir irmãos uns dos outros e tivessem condições para se realizarem, enfim, um mundo onde todos fossem felizes.

O pai que a princípio parecia não estar lhe ouvindo, balança fortemente a cabeça e tentando conter o choro, lhe diz: -Minha filha, que Deus é este que permite tanta injustiça? Que faz com que eu, um homem de 50 anos, em plena força e com muita

competência e experiência, me sinta totalmente inútil e excluído da vida produtiva do país, porque ninguém me dá um emprego? E você, minha filha, ainda vem me falar de justiça e de amor desse Deus? Ah, minha querida Mônica, me sinto totalmente descrente desse Deus. E veja que sempre acreditei nele. Fiz parte da Congregação Mariana, depois integrei a Ação Católica e, já casado com a sua mãe, participamos da comunidade católica do nosso bairro. Só que depois de tudo que estamos vivendo, me vejo totalmente descrente e não quero saber mais de Deus. Ele é mau e injusto. Só olha e cuida da felicidade dos ricos e poderosos. Deus não me ama. Acho que ele nem me conhece.

Mônica, engasgada, não tinha argumentos para retrucar-lhe. Como lamentava não ter permanecido na catequese após a primeira comunhão. Se tivesse feito isto, ela não tinha dúvidas que teria agora os argumentos necessários para fazer ver o quão enganado estava seu pai. Não conseguiu dormir o resto da noite e, na manhã, em meio à chuva, ia pra faculdade, ansiando e torcendo por um encontro com Robson.

-Robson, que bom encontrá-lo. Você precisa me ajudar. Sei que com certeza você me dará fatos e dados para que eu possa ajudar papai. Quero mostrar a ele que Deus não o abandonou. Sabe, Robson. Eu sei que Deus ama muito papai. Ele não pode tê-lo abandonado.

Depois de ouvir tudo isto, Robson sentia a cabeça rodar. Nunca se dera conta de que esses problemas de falta de emprego pudessem estar tão próximos. Sempre lia e até havia participado de discussões na escola a respeito do desemprego. Mas esta era sempre uma realidade mais distante. Algo assim como uma coisa que só acontecia bem longe, com gente desconhecida. Assunto de aula e de noticiário da televisão, mas nunca assunto concreto, realidade viva e bem perto da sua tranqüila vida.

-Mônica, desde que você me contara esse problema que estava vivendo, estive pensando em lhe fazer uma visita. Gostaria de ir até a sua casa e conversar com o seu pai. O que você acha disso? Os olhos da moça brilhavam e aquele sorriso que desconcertava Robson saltou no rosto de Mônica. -Você irá mesmo? Puxa. Que ótimo. Acho que só você tem condições de ajudar o papai. Mamãe tem até tentado levar algumas senhoras do grupo carismático que frequenta para rezar lá em casa, mas sinto que isto, além de constranger o velho, aumenta ainda mais a raiva de Deus que ele tem alimentado. Olha, Robson, acabo de ter uma idéia. Como você estava vindo para a aula e temos uma greve, posso imaginar que você não tenha nenhum outro programa agora. Que tal então irmos lá pra casa? Não posso garantir que papai vá querer conversar com você, mas acho que devemos tentar. O que acha da minha idéia? Vamos?

-Sim, Mônica. Excelente a sua idéia. Convite mais do que aceito. Vamos sim. Tentarei conversar com seu pai. Ainda no ponto do ônibus, Mônica eleva seu olhar para o alto e repara um sol ainda tímido querendo vencer as nuvens depois de três dias de muita chuva na cidade. -Vê, Robson, até o tempo está mudando. Vê, está saindo timidamente o sol. Acho que posso considerar isto como um milagre por você ter aceitado o convite para ir à minha casa para conversar com meu pai. Robson sorri e fica pensando no sentido do milagre na Bíblia. -Sim. Mônica pode pensar que este é um milagre de Deus, ele fala baixinho. -O que foi que você disse? Mônica pergunta. De novo fora pego falando sozinho. Encabulado, diz para ela que achava que sim, que ela poderia pensar ter sido a mudança do tempo um milagre.

-Pois é, ela continuava. -Nunca concordei com as pessoas que vêem os milagres apenas como eventos extraordinários e até, ela diz, - cinematográficos. Para mim, os milagres são essas coisas pequenas que vão acontecendo em nossas vidas nos mostrando que Deus está caminhando ao nosso lado. Na concepção da minha mãe os milagres são como que passes de mágica. Que tal você ir me falando, enquanto vamos até minha casa, no conceito de milagre para você e também no que as pessoas no tempo de Jesus entendiam por fato milagroso? Não tenho a menor dúvida de que esta vai ser uma conversa tremendamente interessante.

-Mas Mônica, este não é um assunto simples. Ele exige uma preparação. Um estudo que eu definitivamente não tive. -Robson, mas você nunca estudou este tema? Duvido. -É claro que já o estudei, mas faz tempo isto e tenho medo de falar bobagem. - Você fala como se eu estivesse lhe exigindo que você fizesse aqui e agora pra mim um ensaio ou um tratado científico sobre os milagres. Deixa de ser bobo, Robson. Não busco nada disto. Quero apenas que você me fale um pouco, livremente, sobre o tema. A 'tese de doutorado' nós vamos deixar para outra ocasião. Disse rindo Mônica. -Está bom. Falarei então do que me lembro, responde também com um sorriso nos lábios, Robson, feliz por Mônica já não estar triste como estava quando a encontrou.

-Para falar sobre milagres nos tempos bíblicos nós temos que tentar primeiro entender a mentalidade daquele povo. Ao contrário de nós que temos a concepção de que os céus estão sempre fechados e que quando se abrem aí temos um momento excepcional e extraordinário ao qual damos o nome de milagre, o povo judeu julgava que os céus estavam sempre abertos ao homem. Lembre-se sempre, Mônica, que estamos falando de um povo que vivia há mais de dois mil anos. Um povo que não tinha nem um por cento da ciência que possuímos hoje. Para este povo, qualquer manifestação da natureza que não pudesse ser explicada era considerada milagre.

-Veja que há no mínimo dois grandes riscos nesse tipo de interpretação. O primeiro é que tudo que acontecesse e que as pessoas não soubessem explicar seria necessariamente um fato milagroso. O segundo risco e muito mais importante, é que, considerando como milagre tudo que não soubermos explicar, estaremos sempre reduzindo o tamanho de Deus. -Como assim? Não entendi. Reduzindo o tamanho de Deus? Explique-me isto, Robson.

-Vamos imaginar, Mônica, uma tribo indígena que não tivesse tido ainda acesso aos avanços da ciência. Façamos de conta que esta tribo estivesse hospedada aqui na cidade ontem à noite naquela hora dos raios e trovões. Se os tivéssemos perguntado o que estava acontecendo, com toda certeza eles teriam nos dito que aquela era uma manifestação de Tupã, ou seja, de Deus. Continuando com os índios, imaginemos agora que eles estão tendo aulas de ciências. A partir dessas aulas eles aprendem o porquê dos raios e trovões. Vêem então que não tem nada a ver com o divino. O que acontece então é que o Deus deles foi diminuído. Isto acontece com muito cristão também. Muita gente tem um tipo de Deus "tapa buraco" que não entendo.

-Estou entendendo, Robson. O que era antes um ato de Deus passa então a ser um fato normal da natureza, plenamente explicado pela ciência. Estou envergonhada. Acho que o meu Deus foi muitas vezes assim meio "tapa buracos".

-Pois é, Mônica. Este segundo risco é muito sério e é o que mais acontece para muitos cristãos que jogam nas costas de Deus tudo aquilo que lhes é incompreensível. O que vai acontecer então é que cada vez que conseguirem entender algum fato ou fenômeno que antes consideravam como ato divino, terão diminuído o tamanho do seu Deus. Essas pessoas correm o risco de terem um deus anão em suas vidas. Um deus pequenino e que nunca vai preencher os corações dos que o buscarem.

-Quer dizer então, Robson, que para os homens do tempo da Bíblia os céus estavam sempre abertos e que para nós, homens de ciência do século XXI os céus estão sempre fechados? ---Bem, Mônica, como homens de fé, não podemos dizer que os céus estão sempre fechados para nós. Ao dizer isto estaríamos negando a nossa fé, a encarnação e a ação de Deus no mundo. Digamos que os céus continuam abertos, mas num sentido mais sutil. No sentido em que você entendeu o milagre da saída do sol como sinal da manifestação de Deus por eu ter aceitado o convite para ir até a sua casa.

-Robson, muito legal. Quer dizer então que o que eu entendia por milagre estava certo?

-Sim, Mônica, mas vale ressaltar mais uma coisa. Isto não significa que Deus não possa também realizar atos extraordinários e até, como você mesmo disse, cinematográficos... Só que eles são muito raros, e sabe duma coisa que é muito interessante nesses casos? É que os milagres de maneira geral só são vistos por quem já tem pelo menos um pouco de fé. As pessoas que não acreditam irão sempre encontrar uma desculpa, uma justificativa, uma explicação para o milagre para continuarem não acreditando. Jesus sabia disto. Tanto que nos Evangelhos temos relatos dele se recusando a fazer milagres porque sentia que seriam apenas para espetáculo.

-Lendo os relatos de milagres nos Evangelhos, Mônica, nós poderemos ver que todos eles, sem exceção, foram realizados no sentido do serviço, do amor e da misericórdia. Nenhum deles foi executado por Jesus apenas para demonstrar o seu poder extraordinário. E isto é o que deve continuar importando para nós, hoje. Muito do afastamento que vemos de muitas igrejas e conseqüentemente seus fieis de Jesus, se deve com toda certeza, à questão de se tratarem os milagres de forma mágica e alienante. Não é somente você, Mônica, mas também todo o povo de Deus que precisa saber mais sobre o sentido dos milagres.

Mônica levanta-se rapidamente do ônibus e toca a campainha. -Vamos, Robson, a conversa estava tão cativante que nem me dei conta de que já estávamos chegando. Este é o nosso ponto. Vê aquele prédio azul na esquina? É lá que moramos. Ao sair do ônibus andando rápido atrás de Mônica para não perder o ponto, ele reza pedindo ao Pai o milagre de se fazer ouvido pelo pai da sua amiga. Ri pensando que ele, como filho, pedia ao Pai por um outro pai. Por um pai em sofrimento.

Subindo as escadas – o elevador estava estragado mais uma vez, explicara Mônica – ela lhe dizia que haveria ainda uma segunda missão a ser cumprida pelo amigo em sua casa no futuro. Seria ter com uma, segundo ela lhe diz rindo, representante do povo de Deus: a sua mãe, a conversa que acabaram de ter sobre a questão dos milagres. -Nada disto, Mônica. Com esse nosso papo e o aprofundamento que você fará sobre o tema, será você mesma quem deverá conversar com sua mãe a este respeito. Sorriu pra si mesmo, pensando em duas coisas: no quanto achava correta a atitude que acabara de ter, afinal era da amiga a responsabilidade de conversar sobre

milagres com a mãe e, também, como teria sido bom ter assumido com ela o compromisso de voltar à sua casa...

O pai está sentado exatamente como Mônica o deixara naquela manhã ao ir para a faculdade. Os olhos dele, inchados e muito vermelhos, miram um ponto inexistente na parede branca à sua frente.

-Olá pai. Este é o Robson, um grande amigo. A escola está em greve e como não tínhamos nada para fazer, o trouxe para cá. -Prazer em conhecê-lo, disse sem que houvesse alguma mudança em sua expressão. -O prazer é todo meu. Gosto muito da sua filha e é realmente um prazer estar aqui agora em sua casa. O pai murmurou algo ininteligível. -Esta manhã, à porta da faculdade, Mônica me contava sobre o senhor. Lamento profundamente o que o senhor está passando. Já se vão dois mil anos da vinda de Jesus propondo aos homens um mundo de mais justiça, paz e felicidade, mas, infelizmente, continuamos cegos e surdos à sua proposta.

-Que mundo de paz e justiça que nada, rosnou o pai entre os dentes, ainda sem manifestar qualquer mudança de expressão no rosto. -Esse Deus e o seu filho, Jesus, são uns incompetentes. São uns fracos. Não quero ficar mais ouvindo isto. Já chega a sua mãe, minha filha, pra ficar aqui no meu ouvido o dia todo cantando que “Cristo tem poder, Cristo tem poder, aleluia tem poder...” Se Ele tivesse mesmo este poder que vocês dizem que ele tem, eu e milhões de outros desempregados, não estaríamos na situação em que nos encontramos.

Mais uma vez Robson se dava conta de que os problemas iam e viam tendo como um dos seus pontos cruciais a questão do distanciamento entre o Jesus histórico e o Cristo da fé. Os homens pregavam muitas vezes um homem mágico que com seus superpoderes iria resolver com intervenções divinas todos os nossos problemas.

Com a voz bem firme e olhando dentro dos seus olhos, para que ficasse um tanto chocado e saísse daquela letargia, Robson lhe disse: -Eu também não acredito nesse Jesus super-homem do qual o senhor me falava.

Foi grande o susto do pai ao ouvir aquelas palavras fortes de Robson. Falara algo que imaginara fosse chocar o amigo cristão da filha e recebera uma resposta que lhe causara um tremendo impacto. -Como assim não acredita? Você não é cristão? Não é o amigo católico de Mônica?

-Sim, sou cristão, o amigo católico da sua filha e, também como o senhor, não acredito nesse tipo de intervenção divina em que Jesus Cristo usaria de superpoderes para resolver os problemas que nós homens criamos. Acredito sim em Jesus Cristo, mas definitivamente não acredito nesse Jesus “quebra galhos”. O Jesus Cristo em quem acredito é aquele que nos deixou as pistas, o mapa para resolvermos os nossos problemas. Mas ele deixou bem claro também que somos nós, os homens, quem devemos trabalhar para resolvê-los.

-Há no Novo Testamento duas passagens que nos mostram com clareza isto. Depois, valerá a pena o senhor procurá-las e lê-las bem devagar. A primeira está no Evangelho de Marcos (Mc. 4, 1-11) e trata das tentações de Jesus. Ele está no deserto e

nele é tentado três vezes. Apesar de serem três as tentações, podemos resumi-las em uma só. No poder.

O que o demônio queria era que Jesus abrisse mão do caminho mais difícil, o caminho do serviço aos homens, principalmente aos mais pobres e excluídos e partisse para a estrada mais curta e fácil. O caminho do poder. No Evangelho fica muito clara qual é a opção de Jesus. Ele opta pelo amor-serviço abrindo mão de poderes mágicos que poderiam até nos livrar da dor e de problemas, mas não estaria levando em conta a nossa liberdade e responsabilidade.

-A segunda passagem está nos Atos dos Apóstolos (At. 1,9-11) e trata da ascensão de Jesus aos céus. Neste texto, Jesus, após a sua ressurreição, sobe aos céus e os seus discípulos ficam olhando para o alto tentando ainda vê-lo. Aparece então um anjo. É interessante lembrar que na Bíblia os anjos são sempre mensageiros de Deus. São aqueles que trazem alguma mensagem importante para a qual devemos estar atentos e lhes diz: “-Por que vocês estão aí olhando para o alto, homens da Galiléia? Ele não está mais aqui.” O anjo queria dizer a eles que agora o jogo era outro. Que a partir daquele momento – e conseqüentemente, até hoje – os braços e as mãos de Jesus somos nós, os seus seguidores.

-É este o Jesus em quem eu acredito. É um Jesus que não aliena. Um Jesus que me mostra a responsabilidade e o trabalho a ser feito.

Os olhos do pai de Mônica estão ágeis. Seu rosto agora está expressivo. Ele estava gostando daquele amigo da filha. O que aquele rapaz lhe dizia fazia todo sentido. Era muito bom ouvir isto. Mônica, olhando seu pai animado, tão diferente daquele homem cabisbaixo e derrotado dos últimos tempos, pensava. Meu Deus, que alegria. Para o meu pai o Robson está sendo um anjo no sentido bíblico que ele explicara a pouco. Robson, um anjo do Senhor. Em um único dia era o segundo milagre que ela vivia...

E Robson continuava. -Eu não creio num Jesus que vem para acabar com a nossa dor. Ele não veio acabar com ela, mas dar um sentido maior a toda dor humana. Quem têm que acabar com a dor somos nós. Ouvindo isto, o pai de Mônica pensava como estaria diferente o mundo de hoje caso os homens, ao invés de buscar guerras e poder, tivessem investido na paz e na cura das dores. Aliás, ele continuava pensando, é muito interessante, apesar de que trágico e triste, constatar que em relação às dores e doenças humanas, os grandes investimentos feitos pelos cientistas e grandes laboratórios, contemplam principalmente aquelas dores e doenças que acometem os mais ricos. Nesse mundo capitalista, doença que só dá em pobre fica para segundo plano, para escanteio.

Conversaram por muito tempo. Conversaram não. Robson falava e Mônica e seu pai ouviam atentos. Ele lhes falava de um Jesus mais humano, mais solidário, muito mais misericórdia. Um Jesus que era amor absoluto e que se colocava preferencialmente ao lado do pobre e excluído. Por ter sentido na pele nesses dois últimos anos a exclusão social, o pai de Mônica se sentia muito próximo a esse Jesus. Era como se o estivesse reconhecendo nas palavras que lhe vinham de Robson.

Hora de ir embora e Robson ao despedir-se do pai, ainda tem tempo para um último recado, ou, pensando melhor, uma última mensagem. Falou-lhe então que ele não podia perder nunca a esperança. Já saindo do apartamento, Robson volta-se e

conserta. -Esta não é uma última mensagem minha. Este recado é de Jesus de Nazaré. Este Jesus que lhe apresentei, aliás lhe reapresentei, porque tenho certeza de que já o conhecia. O senhor estava apenas um pouco esquecido dele.

Ao se despedir, Mônica o abraça forte. Suas lágrimas molham o seu rosto. -Sabe, Mônica, o que de melhor podemos fazer agora por seu pai é rezar. A gente nem imagina a força que tem a oração. Foi Jesus mesmo quem nos ensinou isto. – é mesmo Robson? O que dizia Jesus a respeito da oração? Ele dizia que devemos pedir. Que o Pai sempre escuta e atende ao pedido dos seus filhos. Ele até nos ensinou uma oração. Você vai ter uma surpresa, porque na sua vida já ouviu e rezou muito esta oração que o próprio Jesus nos ensinou. Procure em Lucas, capítulo onze, versículos de um a treze. Lá você vai encontrar, nas palavras de Jesus, ditas através do evangelista, isto que estou lhe dizendo.

Dia bonito na sua volta à casa. O sol forte já secara das ruas as poças d'água. A cabeça gira a mil por hora. Como fora bom ter ido à casa de Mônica. Não só por ter podido ajudar ao seu pai dando-lhe força e ânimo, mas também por ter podido ficar ao lado da amiga. Como era bom estar com Mônica ele ia pensando.

Chega em casa mais cedo do que de costume. O cheiro gostoso de carne assada que vem da cozinha lhe traz a lembrança da fome no mundo. A notícia de que só na África mais de quinze milhões de pessoas iriam morrer durante o ano caso as nações ricas não fizessem nada o chocara tremendamente. Como nos tornamos insensíveis a este tipo de notícia. Ficamos sensibilizados com a morte de uma, duas, algumas poucas pessoas, mas quando falamos em números absurdos como este, parece que há uma mudança de figura. É como se esquecêssemos do homem por trás da notícia e passássemos a dar valor apenas ao dado estatístico.

Ao ligar o computador salta aos olhos o ícone piscando incessantemente do lado esquerdo da tela, com o aviso de que há nova mensagem na caixa de entrada. É visível a ansiedade de Robson ao tentar abrir o correio eletrônico. Por duas vezes ele digita a senha de forma incorreta.

Além de uma falsa mensagem pedindo ajuda para uma criança venezuelana com câncer no cérebro - Lembra ser esta a terceira mensagem com este mesmo teor recebida. Nelas só são diferentes as nacionalidades das crianças. A primeira vez era uma criança brasileira. Na segunda mensagem recebida a criança já era Argentina. Agora vinha a mesma mensagem com a garotinha venezuelana. Sorri da constatação que faz através dessas três mensagens que circulam pelo mundo através da Internet. Não é que esse tipo de câncer cerebral que circula pela grande rede eletrônica tem uma visível predileção por atacar as nossas pobres crianças latino-americanas?

“Meu caro amigo Robson,

Imprimi a sua carta e tenho ido bem além da sua leitura. Elas (não só essa, mas também a primeira) têm sido alvo de um estudo sistemático de minha parte.

Tem sido para mim uma grande alegria essas descobertas (e também redescobertas) que você tem me proporcionado.

Tivemos outro dia, a Marta e eu, uma conversa muito interessante sobre as suas cartas. Ela não conseguia acreditar que houvesse alguém jovem e que não fosse padre, que pensasse e seguisse Jesus nesse mundo de hoje, mais ainda, que O seguisse de forma não alienada. Mostrei então as cartas pra ela e não é que a Marta quer também conversar com você a respeito de Jesus?

Não sei se você sabe, mas ela, a minha namorada e paixão, é comunista de carteirinha. Segundo a Marta, Jesus foi o primeiro grande revolucionário socialista do planeta. Só não obteve sucesso em suas pretensões de subverter o regime porque as massas não estavam preparadas para recebê-lo. Ela diz que o grande erro de Jesus foi ter vivido alguns séculos antes do povo estar conscientizado da sua força para fazer a mudança.

O que virá nessa nova carta? Estou, aliás, estamos porque como já escrevi aí em cima, a Marta também já participa desse nosso estudo comunitário. Esperamos ansiosamente pelo que você nos dirá sobre a questão do distanciamento entre o Jesus histórico e o Cristo da Fé. Cada vez que leio as suas cartas maior fica a minha curiosidade em saber o que pode ter causado este distanciamento entre os seguidores de Jesus e que conseqüências causou essa separação. Por falar na Marta, ela manda lhe dizer que gostou de ter sido citada, principalmente porque você escreveu o nome dela dentro duma explicação sobre o amor. Ela diz que concorda totalmente com você. É totalmente impossível amar alguém de forma somente teórica.

Nenhum problema, Robson, quanto à disseminação das cartas para outros interessados. Afinal, as cartas são suas, além disso, sou também da opinião de que quanto mais pessoas estiverem participando dessa conversa epistolar, bem maior será a riqueza gerada pela discussão. Pelo que estou notando, já temos além de mim, a Marta e a Mônica também participando das leituras. Daqui a pouco não serão mais cartas, mas circulares... Quem sabe já não seria a hora de você pensar em formar um grupo de estudo. Eu sei que você gosta muito de escrever cartas, mas será muito proveitoso também para nós quatro estarmos conversando, ao vivo e a cores, sobre estes temas. Pense nisto com muito carinho.

Um grande abraço,

Do Tomás.”

Meu Deus! Exclamou Robson. Estas cartas catequéticas estão aumentando a minha responsabilidade. Será que estou à altura para estar tratando dessas coisas tão sérias e sublimes? Na sua oração diária, ele coloca nas mãos da Trindade as três pessoas que participam do círculo das cartas catequéticas. Procura rezar para cada uma delas. Cada qual com seus problemas, suas angústias, suas crenças e também as suas descrenças. Deu graças ao Pai por ter-nos feito tão diferentes uns dos outros. Terminada a oração permaneceu em seu pensamento a questão da humanidade de Jesus. Nesse dia, como também nos últimos tempos, estava rezando trechos do Evangelho de Marcos. Como o teólogo, ele escrevia no caderno de orações: ‘tão humano assim, só podia ser Deus’.

Como será escrever esta terceira carta catequética para pessoas tão diferentes? Robson pensava nessa dificuldade enquanto preparava o envio da segunda carta para Mônica. Agora já tinha a autorização de Tomás para fazê-lo. Como sabia que o computador da casa de Mônica estava quebrado, ela só teria acesso à carta, caso ele a mandasse por meio eletrônico, quando acessasse o computador da escola, o que não iria acontecer em curto prazo, devido haver sempre grandes filas para uso dos computadores escolares. -Nada mal entregar a carta em mãos, falou para si mesmo, em voz alta, enquanto imprimia o texto. Na margem da primeira página escreveu um pequeno bilhete para a amiga. Ao reler o bilhete, reparou ter escrito um: “querida Mônica” no endereçamento. Sorriu novamente balançando positivamente a cabeça...

O foco da terceira carta continuará sendo Tomás e a questão Jesus histórico e o Cristo da fé, definiu consigo mesmo. Eventuais questões trazidas pelos demais recebedores das cartas catequéticas poderão ser acrescentadas - Principalmente se vierem de Mônica, se pegou refletindo. -Está decidido. Falou pra si mesmo, em voz alta, novamente. Achou também que para escrever a terceira carta não seria preciso esperar a resposta de Mônica, já que só agora ela teria acesso à carta que Tomás e Marta já tinham lhe respondido.

“Meus caros irmãos, Tomás, Marta e Mônica”,

A Paz de Jesus esteja com vocês!

Peço permissão para iniciar esta carta com uma oração. Faço isto apesar de saber que vocês não têm por hábito estar fazendo orações. Entre vocês há gente que nem acredita nelas. Ainda mais, fazer uma oração quando se está escrevendo uma carta. Mas é exatamente pelo motivo de lhes estar escrevendo – e também pelo tema da nossa carta - que quero fazer com vocês esta oração.

‘Senhor Jesus, somos quatro jovens que pretendem conhecê-lo mais e melhor. De formas bem diferentes, todos nós nos vemos atraídos por seus ensinamentos, sua história, seu comportamento, enfim sua vida e morte. Que ao final dessa caminhada rumo a um conhecimento mais profundo da sua pessoa, todos nós quatro possamos responder com os olhos da fé que você, Jesus, é o Messias, o Ungido, o Cristo, o Senhor, o Filho de Deus enviado ao mundo. Que possamos responder enfim que você é o nosso Salvador. Amém.’

Meus grandes amigos, como havia lhes falado, nesta carta quero lhes trazer um pouco da questão do Jesus histórico e do Cristo da fé até chegarmos aos problemas gerados pelo distanciamento que, nós os homens, provocamos entre um e outro. Para iniciarmos esta conversa, vale voltar à primeira carta. Lembra-se quando eu lhes dizia que os Evangelhos foram escritos bem depois da morte e ressurreição de Jesus? Este fato, como já veremos, tem grandes e interessantes conseqüências sobre o que quero lhes contar. Vamos então a eles.

Nesses últimos dias eu assisti na televisão a um grande documentário feito sobre a vida de um famoso astro do rock falecido há alguns anos. Neste filme fico sabendo de

muitos fatos sobre a sua infância, adolescência e juventude. As cenas me mostravam o astro quando ainda era criança cantando na sua escola infantil, seu primeiro grupo musical ensaiando na garagem da família, o primeiro show... As imagens são muito claras e não mentem. Vendo-o nas fitas daquele tempo constato um fato banal mas interessante: ele não tinha uma voz ou uma musicalidade especial. Cantava com os acertos e erros – principalmente os erros - de qualquer criança ou adolescente normal. Se não soubesse de antemão de quem se tratava, nada naquelas fitas me faria imaginar que aquele adolescente iria se transformar no grande astro de alguns anos depois.

Imaginemos agora que o nosso astro do rock tivesse permanecido incógnito e não tivesse feito sucesso e se transformado no ídolo de milhões de jovens em todo o mundo. Não houvesse se profissionalizado, tendo buscado até outra profissão para sobreviver. É claro que nesse caso nada do que vi no documentário sobre a sua vida teria sido mostrado. Afinal, o filme foi feito porque havia um grande interesse de todos os fãs em conhecer a vida, toda a vida, do seu famoso cantor preferido. Uma cena desse filme que muito me chamou a atenção mostrava a entrevista feita com o casal de velhos que era vizinho do nosso herói. Nessa entrevista, eles eram só elogios para a música feita pelo rapazinho em sua garagem, anos atrás.

Guardadas as devidas proporções e com o cuidado que temos que tomar por estarmos tratando de fatos acontecidos há dois mil anos e que foram narrados em outra cultura totalmente diversa da nossa, foi um fato semelhante a este que aconteceu com as narrações da vida de Jesus. Elas foram construídas como o foi a vida do cantor de rock. De trás para frente. Explico como se deu isto.

Já sabemos que o evangelho mais antigo foi o de Marcos. Ele o escreveu em torno do ano sessenta. Portanto uns vinte a vinte e cinco anos depois dos últimos acontecimentos narrados. Marcos inicia o relato já nos contando da pregação de João Batista, nos prenúncios da vida pública de Jesus. Em seu evangelho não há a menor menção à encarnação, nascimento e infância de Jesus. Nessa época, as comunidades para as quais Marcos escrevia (e tentava atender seus anseios) não demonstravam interesse em nada além do que fosse a vida pública de Jesus, sua paixão, morte e ressurreição.

Aos poucos e à medida que caminha o tempo, vai acontecendo esta necessidade devido ao interesse das comunidades. Vejam que o segundo evangelho escrito, o de Mateus, já vem nos contar também da concepção, nascimento de Jesus e fuga para o Egito da Sagrada Família. Há então, em relação a Marcos, um aumento da curiosidade, podemos chamar assim, em relação a um conhecimento maior de quem havia sido afinal esse Jesus que nós seguimos. Isto apenas alguns poucos anos depois do primeiro evangelho. Enquanto Marcos nada nos conta a respeito de fatos ocorridos antes da vida pública, Mateus já faz um recuo no tempo ao começar a fazer o seu relato.

Neste recuo é interessante vocês notarem a genealogia de Jesus colocada logo no início da sua narrativa. Na genealogia, Mateus leva a ascendência de Jesus até Abraão. Isto porque ele era judeu e escrevia principalmente para comunidades constituídas por seu povo, o que vem mostrar o cuidado dos evangelistas em atender às necessidades das comunidades para as quais escreviam. Não tenho dúvidas que se houvessem sido feitas, com insistência, para Marcos, perguntas a respeito da infância e concepção de Jesus, com toda certeza, ele teria procurado informar-se para colocar esses fatos no seu relato.

Vamos reparar agora o terceiro evangelista: Lucas. Ele recua ainda mais no tempo. Além de nos fazer um relato maior do que Mateus sobre a infância de Jesus, vai mais além e para provar que Jesus não era só dos judeus – Lucas escrevia para cristãos de origem helênica - ele leva a genealogia de Jesus até Adão, provando-nos assim que Ele veio não somente para o povo judeu, mas para toda a humanidade.

Como o interesse sobre a vida de Jesus continuasse crescendo e já fosse ainda maior, João, o quarto evangelista, que escreveu seu evangelho em torno do ano cem, faz um mergulho ainda mais profundo rumo às origens de Jesus. Ele vai até a eternidade para localizar lá as raízes de Jesus, afinal, como Ele é também Deus, já tinha existência desde o princípio. Isto é o que João quer nos dizer quando no início do seu evangelho nos diz que “no princípio era o verbo...”.

Notaram que interessante? Na medida em que foi passando o tempo e crescia o interesse sobre aquele homem que as comunidades aos poucos iam descobrindo que era também Deus, os evangelistas foram aprofundando seus relatos para nos mostrar – lembrem o que já dissemos: Os evangelhos não são relatos históricos no sentido que temos de história hoje – que “verdadeiramente este homem era o Filho de Deus” (Mc 15,39). Voltando ao vídeo contando a vida do artista famoso, cá comigo mesmo, fico pensando se os vizinhos idosos do roqueiro, mostrados em entrevistas altamente elogiosas à música que ele produzia quando adolescente na garagem da sua casa com seus amigos, teriam a mesma avaliação positiva caso ele não tivesse obtido sucesso posteriormente.

Pois é. Quanto mais distante do tempo em que Jesus vivia, mais os homens foram buscando conhecê-lo. Isto gerava um problema, porque as pessoas que haviam convivido com ele iam morrendo e os relatos, passando de boca em boca, iam sendo interpretados pelas primeiras comunidades. Essas interpretações iam modificando os textos, sem, é claro, fazer com que perdessem seu espírito. Eles, os participantes das comunidades, se sentiam plenamente autorizados a fazer isto pelo Espírito do Ressuscitado que agia neles. Podemos dizer que esses homens de fé, juntamente com os evangelistas e demais autores do Novo Testamento, foram com toda certeza nossos primeiros teólogos. O que passou a acontecer então foi que os aspectos gloriosos, quer dizer, tudo que acontecera após a ressurreição, foram se tornando tão grandes que passamos a deixar de lado os aspectos reais do seguimento de Jesus de Nazaré.

À medida então que se ia ficando distante no tempo do Jesus histórico, foi-se saindo dos aspectos concretos da sua vida para aqueles mais abstratos, mais teológicos. Aspectos estes interpretados, como vimos, pelos primeiros teólogos do Novo Testamento, à luz da sua ressurreição. Acontece isto por exemplo com o próprio nome de Jesus. Antes conhecido como Jesus, um nome próprio, que designa uma pessoa concreta, que descreve uma vida e uma morte concreta, passa a ter acrescentado ao seu nome um predicado: Cristo, que em si mesmo possui um significado genérico. Significa o unguido. Vão então surgindo os títulos para Jesus como que para nos dizer que ele não havia sido um homem a mais. Era um homem especial. Tão especial que ressuscitara. Tão especial que só podia ser o Filho de Deus.

O que temos então é que o Jesus concreto, o Jesus de corpo e sangue, vai sendo transformado apenas no Cristo glorificado pela sua ressurreição. Esta transformação é que fará com que muitos nas Igrejas percam pouco a pouco o sentido tão escandaloso e

louco da cruz. Muitos irão até se esquecer dele, ou tratá-lo como um fato comum, algo corriqueiro que não assusta nem causa impacto, como as estatísticas da fome no mundo que estamos acostumados a ler.

Tanto ou mais importante que esse esquecimento do escândalo da cruz é que esse aumento da distancia do Jesus histórico fará também com que haja uma separação da vida de Jesus do seu tempo de glória pós-ressurreição. Essa separação é, como já veremos, tremendamente empobrecedora e maléfica para o seguimento de Jesus de Nazaré, homem em tudo igual a nós, com exceção do pecado, como nos ensina a carta aos Hebreus.

Não quero que pensem que com o que acabo de lhes dizer estou querendo apenas valorizar a vida de Jesus até a sua morte e ressurreição. Nada disso. O que quero passar para vocês é que não dá para separar o Jesus histórico do Cristo da fé. O Jesus é o Cristo. Para chegar até a sua glorificação, ele passou pela etapa humana, quando foi o servidor por excelência do povo, principalmente dos mais simples e excluídos.

Só podemos realmente conhecer o Cristo se tivermos antes caminhado com Jesus. Como homens ainda vivos, conseqüentemente ainda fora da glória de Deus, só podemos seguir no nosso dia a dia o Jesus de Nazaré. O Cristo, só poderemos segui-lo de fato quando, também como Ele, tivermos passado pela morte e também, como Ele, tivermos ressuscitado. Não são duas pessoas, ou um homem e um Deus separado. O crucificado é o ressuscitado. Jesus é homem e Deus, como nos ensina o Credo.

Com essas coisas que estou lhes escrevendo, chegamos finalmente ao ponto principal daquela discussão inicial que tive há dias com Tomás e que de forma diferente continuamos aqui neste espaço. Você ainda se lembra, amigo? A questão é que Tomás dizia que nós, os cristãos, havíamos criado dois mitos. O mito de um homem e o mito de um ressuscitado. Nas palavras quentes da discussão, Tomás dizia serem esses dois mitos o mito do guru e o do fantasma. Bem, amigo Tomás, até pela sua resposta à minha primeira carta e sua participação nessa nossa caminhada rumo ao conhecimento – e seguimento, creio que posso completar agora – de Jesus, tenho certeza que você já reformulou os termos que, para mim, soaram bem duros, ditos por você naquela hora.

Poderíamos dizer, Tomás, que você atirou no que viu e acertou no que não viu. Duma forma não muito elegante, e pela qual eu lhe perdôo, você nos trouxe um problema que muito tem incomodado os cristãos desde há muito tempo, desde os primórdios do cristianismo. Uma questão que, também como cristão, me preocupa muito e da qual, algumas vezes, tenho tratado nessas nossas conversas. Estou falando novamente dos problemas que acontecem na Igreja sempre que há um distanciamento entre o Jesus histórico e o Cristo da fé.

Caramba, já são duas horas da madrugada. Esta carta já está muito grande e amanhã pretendo acordar bem cedo. Quero aproveitar que não teremos aula para fazer minha caminhada matinal. Havia me proposto a fazê-la pelo menos três vezes por semana e não tenho sido nem um pouco fiel a esse compromisso assumido comigo mesmo. Além do vasto assunto que há para vocês lerem nesta carta, tem também a necessidade de vocês procurarem dar uma lida nos inícios dos quatro evangelhos. Vejam neles os aspectos que procurei observar com vocês aqui na carta.

Antes de terminar, um recado para a Marta: Não sei, amiga, se você tem os Evangelhos em casa. Caso não tenha, me mande um email que terei prazer em lhe enviar um exemplar emprestado. Estou achando muito legal ter uma comunista interessada também em conhecer Jesus. Você sabia, Marta, que há, principalmente na Europa, grupos marxistas que estudam o Jesus histórico? Eles buscam encontrar em Jesus uma das raízes do marxismo atual. Segundo disse um deles, ‘ser radical é ir até as raízes e Jesus de Nazaré é uma dessas raízes que têm que ser estudadas e conhecidas’. Espero que você vá mais além ainda das raízes. Que você consiga ir ao espírito dEle. Eu espero, amiga.

Meus caros. É isto. Se vocês acham que vão se ver livres de mim, estão enganados. Dentro de três dias estarei enviando nova carta continuando esta nossa conversa.

Vou dormir. Fiquem em paz e um grande abraço a todos,

Robson.”

Acorda tarde. Ninguém em casa. Todos já saíram para seus afazeres normais. Resolve ligar para a empresa. Quem sabe já não teriam uma resposta para a seleção dos dois estagiários. Quem sabe ele não seria um dos escolhidos. O telefone da área de recursos humanos toca três vezes e a ligação cai automaticamente na caixa postal. Faz uma careta. -Odeio caixas postais. Odeio falar com máquinas, diz em voz alta. Pega o jornal. A manchete não é nada animadora. As ameaças dos americanos - o império romano do Século XX - aumentaram. A possibilidade de que haja uma nova guerra no Oriente avança em velocidade ainda maior do que a inflação. Liga de novo e a voz da secretária lhe dizendo bom dia soa mecânica em seu ouvido.

-Quer dizer que fui escolhido para o estágio? Que notícia boa você me dá nesta manhã! Muito obrigado. Ah, ainda tenho que fazer exames médicos? Sem problemas. Estarei aí às onze horas para o exame.

Ao desligar o telefone está cantando. Pensa em ligar para Mônica e lhe contar a excelente notícia que acabara de ter. Contém-se. Lembra que há mais de um ano ela procura por um estágio sem consegui-lo. Só há pouco conseguiu um emprego noturno e temporário. Pensa também no seu pai. Reza por eles enquanto caminha para o quarto para aprontar-se para ir aos exames médicos na empresa.

Mas ainda é cedo quando sai de casa e como faz um tempo bom, resolve ir caminhando. Ao passar pela praça repara que há um grupo de adolescentes e crianças em volta do banco sob a amendoeira. Chegando mais perto vê que estão cheirando cola e fumando pedras de crack. Sente um aperto no coração. São crianças ainda e já envolvidas com as drogas. Em seus exames de consciência diários tem se cobrado algo mais concreto em relação a algum trabalho com crianças e jovens. Sente-se alienado, incapaz e pequeno frente à realidade dura do mundo.

Continua o caminho, mas a cena da praça caminha com ele, presa em suas retinas. Quantas vezes, para nos desculparmos, nós os julgamos e os tratamos como

marginais, como se houvessem feito uma opção pela vida que vão levando. Não. Eles não têm toda a responsabilidade pelo que fazem e vivem. Balança a cabeça. Não podemos culpá-los. Afinal, que perspectiva de uma vida digna nós lhes oferecemos? Há alguma possibilidade de mudança posta pela sociedade à disposição para que eles a possam abraçar? Tem vergonha por ser da classe média. Dessa parte da sociedade que devia ter algo a lhes oferecer. Um jovem privilegiado a caminho do seu estágio. E isto num país onde tanta gente não consegue nem imaginar ou mesmo sonhar com um futuro digno.

Pensa em Jesus. Tenta imaginá-lo na idade dos drogados da praça. Reza pedindo a Maria e José por eles e pelos seus pais que não tiveram como educá-los, abandonando-os. Com toda certeza, os pais de Jesus tinham sido muito especiais na educação dele. Disto não havia dúvidas. Era só observar a sua vida. Jesus, um homem equilibrado, amoroso, amigo, sempre servindo, justo, alegre, pacificador... Vem à cabeça mais uma vez, a frase do teólogo: 'tão humano assim, só podia ser Deus'. Maria e José deviam ter muito orgulho dele. Afinal, foram eles que o educaram. Será que aqueles meninos já ouviram falar de Jesus? Perguntou quando já chegava ao portão principal da empresa.

Tomou um susto ao ouvir a pergunta do médico: "Você consome drogas?" O médico deve ter notado seu susto. Será que ele está pensando que sou usuário? Pensa no pai de Mônica. Sem emprego e desesperançado. Como ele está hoje? Recorda que ele cheirava a álcool quando se despediu dele. Sorri pensando no mau exemplo de Jesus ao ter transformado água em vinho em Caná da Galiléia. Mas este não deve ter sido um milagre histórico de Jesus, lembra de que havia lido, como que para justificar. Mesmo que tenha sido, não tem nada a ver. Nós é que não sabemos nos controlar. A bebida não é má em si... Sorri mais ainda achando um grande absurdo o que estava pensando enquanto aguardava o laudo médico. A secretária da voz mecânica avisa-o com voz humana e um sorriso automático que estava tudo certo e ele deverá iniciar o estágio na próxima semana.

Resolve ir à faculdade mesmo sabendo que a greve ainda continuava. Havia sentido vergonha por nem ter pensado em prestar solidariedade aos grevistas. Era mesmo um alienado. Ia até lá para perguntar a eles se precisavam de alguma ajuda. Para saber se estavam precisando do seu apoio. Depois iria pra casa. Semana que vem seria vida nova. Por isto, pretendia não deixar compromisso para adiante e queria escrever a nova carta catequética nessa tarde. Essa deve ser a última. Creio que com ela terminarei a conversa com o Tomás, foi pensando. Não há ninguém na porta da faculdade. Parece feriado e não que há uma greve na qual todos têm que estar mobilizados. Chega em casa pensando na inconstância humana. Na incapacidade que temos em mantermos os objetivos, ideais e os seus conseqüentes compromissos.

Lembra que aconteceu coisa semelhante com Jesus. Os apóstolos afirmaram muitas vezes que nunca o deixariam. Como os grevistas que diziam em seu panfleto que estariam em vigília vinte quatro horas por dia até o final do movimento, os discípulos também traíram seu compromisso. A chamada crise da Galiléia havia sido a desmobilização dos seguidores do Nazareno por não verem os resultados que queriam e esperavam – talvez a libertação do jugo romano – da ação de Jesus.

Vai rezando pela rua pedindo perdão a Jesus pela sua infidelidade ao amor de Deus. Chega em casa e vai direto ao computador.

“Meus caros Mônica, Marta e Tomás,

A paz e alegria de Jesus Ressuscitado estejam com vocês!

Terminei a última carta no ponto em que iria começar a mostrar para vocês o que costuma acontecer na Igreja e conseqüentemente em nossas vidas de seguidores de Jesus, todas as vezes que há um distanciamento entre o Jesus histórico e o Cristo da fé. Nessas horas o que há é que valorizamos unilateralmente o Cristo da fé ou do Jesus histórico.

Vejam primeiro o que acontece quando nos distanciamos do Jesus histórico e valorizando apenas o Cristo da fé:

1. Em nossos cultos a liturgia passa a acontecer desvinculada do caminho concreto percorrido por Jesus de Nazaré na etapa terrestre da sua vida. É o que acontece, por exemplo nas liturgias das quais muitas vezes participamos e que se encontram totalmente alienadas da vida que estamos vivendo. Lembro-me de ter participado de uma missa em que todos que estávamos lá presentes tivéramos muita dificuldade em chegar à Igreja devido a uma manifestação do povo por maior liberdade e justiça social. Havia uma forte repressão policial na região e todos que conseguiram chegar ao templo estavam com os olhos irritados e marejados de lágrimas por causa da fumaça das bombas de gás lacrimogêneo. A fumaça havia inclusive invadido o templo. O incrível foi que o celebrante agiu como se nada estivesse acontecendo. Conduziu toda a Eucaristia como se estivéssemos em Marte. Totalmente distantes e alheios ao que acontecia à nossa volta. Lembro ter ficado pensando se os olhos do padre não tinham sido afetados, como os nossos, pelo gás lacrimogêneo que nos envolvia a todos.

2 – Um outro ponto que costuma acontecer no distanciamento do Jesus histórico é a exaltação religiosa. Começa a acontecer uma Igreja de massas e não de comunidades. Focada em grandes celebrações com um intuito subjetivo: de mostrar força e poder humanos. Há um esquecimento da sabedoria da cruz e do fermento que se produz nas pequenas comunidades. Quando ficamos somente nas massas, reduzimos a responsabilidade individual na opção pelo Cristo. Esta opção tem que ser pessoal. Não é nunca uma decisão coletiva. Nesse distanciamento costuma acontecer de se formar uma igreja apenas de festa. Uma igreja que se esquece de que para que haja a ressurreição precisamos primeiro ter passado pela paixão e morte. Cuidado, meus amigos, não quero dizer com isto que as grandes celebrações não sejam importantes nem necessárias. São sim. O que estou alertando é para que haja um equilíbrio. Que tenhamos também tempos e espaços para que possamos realizar uma igreja mais doméstica, mais simples e aberta para viver completamente o mistério de Jesus Cristo, ou seja a sua encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição.

3 – Sempre também que há esta valorização unilateral do Cristo da fé, temos o desencadear do processo de afastamento da sua figura da nossa vida cotidiana. Cristo é visto como algo sublime, abstrato e perdido na distância. Vira o Cristo lá do alto do altar, ou o Cristo prisioneiro (literalmente encarcerado à chave) preso dentro do Sacrário. Parece que entre esse Cristo e aquele Jesus com os pés empoeirados do chão da Palestina há uma distancia que nós, os cristãos, nunca conseguiremos percorrer. É como se estivéssemos participando de uma corrida vendo vir chegando o vencedor

quando ainda estamos apenas começando a correr estando ainda muito próximos da linha de largada. É natural que sejamos acometidos por um desânimo. Como continuar a correr de forma motivada se o vencedor já terminou a corrida e nós mal a começamos? Elaboramos então argumentos em nossas cabeças mais ou menos como esses: como vou poder seguir este Cristo tão distante e perfeito? Como poderei eu, um ser totalmente pecador e limitado, aproximar-me desse Cristo tão sublime e colocado pelos responsáveis pela Igreja – ou seja, por nós – de forma tão inacessível. É, realmente não dá para segui-lo. Esta é uma tarefa para os padres e para os santos. Ser cristão não é mesmo para mim, leigo e tão limitado. E muitos de nós, por nos sentirmos indignos e totalmente distantes daquele que seguimos vamos nos tornando cristãos sem seguimento, cristãos pela metade.

4 – Jesus de Nazaré em sua vida concreta, foi um homem especial. Um homem que apesar das muitas restrições da sociedade da época, tinha contatos com os pobres, as prostitutas, os cobradores de impostos e demais excluídos. Não termos estes aspectos da sua vida concreta em conta, pode nos levar a fazer interpretações ideológicas do Cristo glorificado que vão acabar justificando os mais diferentes interesses e atos em seu nome. Os exemplos são inúmeros. Nós sabemos quantas guerras foram feitas em nome de Cristo, quantas perseguições, quanta intolerância, quanto racismo, quanta injustiça enfim em nome dele. Outro exemplo diz respeito à riqueza. Muitos cristãos, considerando a sua riqueza como uma benção (benção) de Deus, passam a ver a pobreza como o contrário, ou seja, como uma maldição.

5 – Acontece também de invocarmos o Espírito de Cristo em muitas coisas que, depois de conhecermos sua vida, temos dúvida de que se trata do mesmo Espírito que impulsionou Jesus em sua vocação de Messias-servidor entre nós. Quando se esquece a dimensão do serviço passamos a desenvolver com facilidade um espiritualismo desencarnado, que não leva em conta nosso corpo. Um espiritualismo pobre do tipo que separa o corpo do espírito, como se pudéssemos separar os dois. Um dos exemplos desse caso é o dos cristãos que renegam seu corpo entregando-o aos vícios. Nesse não cuidar de si, fica explícito o esquecimento de que os nossos corpos são templos vivos do Espírito Santo.

6 – A justificação de poderes do mundo acontece também de forma muito comum a partir dessa separação entre o Jesus histórico e o Cristo da fé. Os poderosos tendem então a sacralizar o seu mando dizendo coisas do tipo: “-estou cumprindo a vontade do Cristo”. Nesses últimos tempos vimos isto de forma muito clara com a atitude do presidente americano em relação ao ataque que ele estava pretendendo realizar contra o Iraque. Ao emissário do Papa ele teria dito, conforme os relatos da imprensa, que se sentia enviado por Deus para cumprir o papel de consertar o mundo. Ouvindo do emissário que se quisesse mesmo fazer a guerra, que não a fizesse em nome de Deus, o líder americano replicou:

“-cuide o Papa da sua Igreja que eu cuido do mundo.” A Igreja, ao longo dos séculos tem usado também o nome de Jesus Cristo como justificação para muitos dos seus atos de poder, esquecendo-se que Jesus de Nazaré só nos deixou exemplos de misericórdia, amor, compaixão e aceitação das pessoas. Faltando a conexão com a vida, as opções e as atitudes de Jesus de Nazaré, deixam abertas as portas para a deturpação do significado e do tipo e qualidade de poder que Jesus certamente possuía.

7 – Acontece também muitas vezes a alienação frente aos problemas do mundo quando

nos colocamos apenas diante do Cristo glorificado. Esta alienação faz com que muitos cristãos fiquem apenas no louvor e fechamento na instituição, evitando o contato e o compromisso diante das injustiças e conflitos atuais. Estando somente ligados ao Cristo glorificado, é fácil esquecer que Jesus de Nazaré não se manteve neutro frente aos conflitos de seu tempo e de sua sociedade. Ele fez claras opções pelos marginalizados e enfrentou decididamente os poderes opressores do povo. Quando se está diante de um conflito entre os poderosos e os pequenos, ficar quieto se dizendo neutro é o mesmo que tomar partido do forte. Nosso silêncio, que consente, é a justificativa para o opressor dos atos agressivos contra os fracos e excluídos.

8 – A preocupação com a glorificação do Cristo deixando de lado o Jesus de Nazaré histórico pode levar também, em ambientes religiosos, a uma exacerbação da pureza dos ritos e excessivo cuidado com os detalhes. Este excesso faz com que nos afastemos de Jesus Cristo por nos considerarmos indignos de nos aproximar dele. Cria-se uma mentalidade policialesca e alguns, que talvez, como os fariseus, se considerem mais puros, costumam ficar vigiando os fiéis para ver se estão todos cumprindo os excessivos ritos e preceitos. Este é um problema que ocorre em muitas comunidades principalmente no que diz respeito ao Sacramento da Eucaristia. Não quero dizer com isto que não tenha que haver uma preparação, um cuidado para se receber o Sacramento. Só que é importante lembrar que a Eucaristia tem também o sentido de remédio para os doentes e que as regras são feitas para nos libertarem e não para nos prenderem. Aliás, foi para os doentes que Jesus veio. Há poucos dias, ao comungar numa outra comunidade o ministro não queria dar-me a comunhão por ter estendido para recebê-la a mão esquerda em concha, tendo por baixo desta a mão direita. Ele queria que eu invertesse as mãos. Tive que lhe explicar que a minha mão esquerda, por ser canhoto, é a mão onde normalmente e com toda dignidade recebo o Corpo e o Sangue de Cristo.

Esta lista ainda poderia ir longe, meus amigos. Há muitos outros aspectos desse distanciamento criado por nós entre o Jesus histórico e o Cristo da fé que poderia expor aqui para nossa reflexão. Vou ficar nestes. Reflitam com seus botões que, tenho certeza, vocês encontrarão outros tão graves quanto esses que nós, os cristãos, costumamos cometer nas nossas vidas.

Paro por aqui. Pensem com muito carinho nesses aspectos listados acima. Enriqueçam a lista com seus exemplos. Creio que já está mais que claro para vocês o grande mal que nós homens fazemos ao tratar de forma distanciada estas duas realidades do mesmo Jesus Cristo. Pelo tamanho que tomou a carta e também pelo meu tempo livre que já se encerra, não dará para lhes expor nesta carta os aspectos decorrentes do outro lado da questão, ou seja, da valorização unilateral do Jesus histórico em detrimento do Cristo da fé. Farei isto em nova carta nesse próximo final de semana.

Espero estar sendo didático e que os pontos que tenho colocado para o conhecimento e reflexão de vocês, estejam realmente servindo para um conhecimento e seguimento de Jesus Cristo, homem e Deus.

Um grande abraço e que a paz do Ressuscitado esteja com vocês,

Robson.”

Envia a carta para Tomás e Marta pelo computador e imprime uma cópia para Mônica. Já são três horas da tarde e ainda não havia almoçado. Na mesa a comida

esfriara aguardando que terminasse a carta. Prepara o prato e leva-o ao forno de microondas. Almoça decidindo voltar ao computador imediatamente para escrever a continuidade da carta. Assusta-se por verificar que esta já será a quinta carta catequética. Quer planejar algo para que haja um embrião de grupo de estudo ao final dessa quinta carta, com a qual imagina estará terminada a conversa com Tomás.

Ao levar o prato à cozinha vê o bilhete deixado por sua mãe, antes de sair pela manhã, avisando a família que a faxineira não viria trabalhar hoje. Tenta imaginar por que ela estaria faltando. A última vez em que conversaram, ela lhe contava do problema que estavam tendo em casa com os traficantes de drogas na favela. Tinha muito receio da violência dos traficantes e também da outra violência. Aquela causada pela polícia nas suas incursões pelo morro. Dizia não saber quais eram os mais violentos e despreparados: se os traficantes geralmente muito jovens e inconseqüentes, ou os policiais, não tão jovens como os traficantes mas também inconseqüentes, porque chegavam já atirando para todo lado sem levar em conta os moradores. Esses sofriam em dobro, pois era comum ficarem presos em meio ao fogo cruzado dos bandidos e da polícia. -Meu Deus, como continua distante o Reino! disse em voz alta enquanto lavava o prato.

Na lembrança passa a primeira vez em que fora ao morro. Era o batizado da filha da faxineira. Como estaria ela agora? Já tem uns dezesseis anos. Ainda estuda? Ou parou para buscar algum emprego? Vem forte a vergonha por nunca ter perguntado pela filha – e afilhada de batismo dos seus pais - da mulher que há tanto tempo trabalhava para a sua família. Tenta imaginar agora a cena do próprio batismo. Sorri ao passarem pela sua cabeça os vários amigos felizes e emocionados na cerimônia de renovação batismal vivida de forma intensa faz pouco tempo e que encerrava aquele curso do padre paraguaio sobre o Sacramento do Batismo.

Pergunta a si mesmo o que será realmente o Reino de Deus. Falando de Reino de Deus, estamos falando de uma situação onde Deus governa, ele é rei, começa a responder. Só que nós, os seres humanos, no Reino de Deus não somos súditos obedientes, mas somos filhos. A proposta de Jesus é a do estabelecimento da fraternidade e da solidariedade humana desde aqui e agora, neste mundo, para que nós construamos uma nova maneira de viver, uma nova maneira de nos relacionarmos conosco mesmos e com Deus. Como será difícil chegarmos lá, pensa por fim, enquanto liga o computador.

“Meus irmãos Mônica, Marta e Tomás,

A paz!

Retomo com vocês a nossa conversa sobre Jesus. Nesta carta tentarei passar-lhes o que costuma acontecer quando ocorre o inverso daquilo de que falávamos na carta anterior, ou seja, quando valorizamos unilateralmente o Jesus histórico, mantendo-nos distantes do Cristo da fé proclamado pela Igreja.

As conseqüências da valorização somente do Jesus histórico deixando-se de lado o Cristo da fé são também muito graves e causam muitos problemas. Nunca é demais repetirmos que nessa questão há que se buscar sempre o equilíbrio. Da mesma forma

que fiz na nossa última carta, irei também listar alguns desses sérios problemas que costumam ser causados por esta atitude:

- 1- A redução do papel de Jesus ao papel de um simples revolucionário. Este é o primeiro aspecto que gostaria de salientar com vocês nessa carta. É um problema bastante comum nos nossos tempos. Sabemos que Jesus foi um revolucionário. Afinal ele, com as suas atitudes e ações, revolucionou a cultura, política e comportamento social à sua volta em seu tempo. Só que nunca deveremos dizer que Ele foi somente um revolucionário. Dizer isto é cair na redução do papel de Jesus. No auge da repressão política causada pela dita Revolução de 1964 no Brasil, havia um grande número de jovens que militavam nas pastorais sociais da Igreja através da Ação Católica. Fruto duma valorização equivocada apenas do aspecto revolucionário de Jesus, alguns desses jovens passaram a não considerá-lo mais na sua dimensão divina. Daí a perderem a fé foi somente mais um passo. Afinal, o encantamento e seguimento que encontraram Nele era pautado apenas num homem. Um homem especial, mas somente um homem. Esse lamentável fenômeno tem uma contrapartida também muito triste na história da nossa Igreja. Uma parte da culpa por terem se afastado do Cristo, e conseqüentemente da fé, deveu-se ao radicalismo da hierarquia que somente valorizava o outro lado, ou seja, o Cristo da fé. Instalado o conflito, sem terem apoio na Igreja, esses jovens foram facilmente levados a trabalharem apenas na construção de um reino sem nenhuma transcendência. Um reino puramente humano.
- 2- Outro tipo de redução de Jesus muito encontrada, principalmente em ambientes mais intelectualizados, é a de considerá-lo apenas como um sábio. Considerá-lo apenas a partir deste atributo é também não reconhecê-lo como Filho de Deus, como o Cristo. Notem como os movimentos da chamada Nova Era (*New Age*) tendem a este reducionismo. Há não muito tempo eu lia um artigo de revista de um desses movimentos que tinha esse viés. No meio do artigo havia uma listagem dos homens sábios que haviam modificado o mundo. Para meu grande espanto, encontrei lá em meio a muitos outros, como Confúcio, Buda, Moisés, Maomé, Francisco de Assis, Alan Kardek, etc. o nome de Jesus.
- 3- Uma redução mais religiosa de Jesus ao aspecto somente humano da sua realidade tem lugar em ambientes mais religiosos. Trata-se da supervalorização apenas de Jesus de Nazaré, somente levando em consideração tudo que tenha acontecido até a sexta-feira da Paixão. Nessa redução do papel de Jesus não se levam em conta os aspectos gerados a partir da sua ressurreição. Fica-se apenas no serviço, no atendimento social, na filantropia, esquecendo-se da novidade radical e absoluta que aconteceu a partir da ressurreição. A novidade de que o Reino não é somente deste mundo e que, como Ele, também ressuscitaremos. Reparem, por exemplo, como muitas comunidades valorizam muito mais a paixão e morte de Jesus do que a Ressurreição. Parece que para esses só se deve viver a paixão e a dor da morte de Jesus, criando uma religião onde só conta a tristeza e o sacrifício. Esquecem-se essas comunidades que depois da Paixão vem a Ressurreição. A glorificação do Cristo através da Ressurreição é o ponto fundamental da nossa fé. Aí reside e não na Paixão, o ápice, o ponto culminante da nossa fé e conseqüentemente da nossa celebração de Igreja.

- 4- A valorização do Jesus histórico em detrimento do Cristo da fé pode levar também a um conceito de religião deturpado. Uma religião de iniciados preocupados apenas no conhecimento e estudo de Jesus. Esta postura tende a fazer com que haja um esquecimento da novidade radical que Jesus nos trouxe, ou seja a sua ressurreição e a partir dela a certeza da transcendência. A certeza de que não fomos feitos para morrer, mas também para ressuscitar com Ele.

Deixo por conta de vocês a tarefa de aumentarem também esta lista, acrescentando outros problemas que podem advir do afastamento do Jesus histórico do Cristo da Fé.

Meus caros amigos, creio que tenha ficado bem claro para vocês os problemas que geramos quando nossa referência torna-se exclusivamente o Cristo da fé ou o Jesus histórico. Este exclusivismo gera manipulações e deturpa a nossa fé e seguimento de Jesus Cristo. Sempre na vida de vocês, procurem estar atentos para que sejam valorizados tanto o Cristo da fé quanto o Jesus histórico. Afinal, trata-se do mesmo e único sujeito. Não podemos separar um do outro. Conforme a fé professada pela Igreja do Novo Testamento, aceitamos o único Senhor Jesus Cristo vivendo duas etapas, dois modos de existência distintos: a etapa de serviço e a etapa de glorificação. Nas duas etapas e nos dois modos de existência, trata-se sempre de um único sujeito: Jesus Cristo.

Unindo o Jesus da história com o Cristo glorificado, constatamos algo maravilhoso e fundamental para o nosso seguimento de Jesus: no homem Jesus de Nazaré, em sua etapa de serviço, e nesse mesmo homem glorificado pela ressurreição, encontramos a revelação plena de Deus. A fé cristã confessa a encarnação real de Deus no homem Jesus de Nazaré!!!

Hora de parar. Há muita matéria para a reflexão de vocês no que já escrevi nessa carta. Com ela também vamos chegando ao final da nossa caminhada iniciada pela ‘primeira carta catequética’. Meu Deus, esta já é a quinta! Espero ter ajudado vocês no conhecimento e um início do seguimento de Jesus Cristo. Apesar de que gosto de escrever cartas, estou aberto, caso vocês queiram, a iniciar um grupo de estudo de Jesus Cristo. Entendo e sei, por tudo que lhes escrevi nessas cartas e escutei e li de vocês, que concordam comigo, que este grupo deve estar aberto não só ao conhecimento, mas também ao seguimento. A um aprofundamento da Fé.

Vocês topam? Quem concordar, é só levantar o mouse para podermos definir uma data para nosso primeiro encontro.

Não me esqueci da bibliografia que havia prometido na primeira carta. Na folha anexa eis alguns livros que poderão ajudar a vocês na caminhada rumo a Jesus Cristo. Quem sabe no nosso grupo não elejamos um deles para irmos nos aprofundando no conhecimento e no amor de Jesus? O que acham?

A paz e a alegria de Jesus Cristo, homem e Deus, esteja com vocês, meus amigos,

Robson.”

Muita alegria no coração ao terminar de ler a carta e apertar o botão no teclado enviando-a. Ao desligar o computador se dá conta de não ter imprimido a cópia para

Mônica. Liga de novo a máquina e imprime a cópia. Aproveita para relê-la. Lembra o final da carta e sorri. Por que havia escrito que estava disposto a formar um grupo com seus amigos leitores? Conclui ter sido inspiração de Deus o ter-se colocado disponível e mais ainda, registrado isto para eles. Sim, porque muitas vezes nos colocamos a serviço mas esquecemos de dizer que estamos abertos ao trabalho. Jesus fazia diferente, pensa, Ele para se mostrar disponível, estava sempre servindo ao outro. Ele havia sido totalmente fiel à sua vocação de servidor. Ele havia sido o ‘Servo Servidor’. Fala em voz alta: -Servo Servidor! Gosta deste título de Jesus. Além de tudo que significa, ainda é poético. Reza então: ‘Senhor, quero ser servo servidor como seu filho o foi.’ Ri da sua pretensão. Estaria sendo pretensioso? Chega à conclusão que não. Se queria seguir a Jesus, teria que fazer como Ele, ser servidor. Se queria estar com o Cristo, estaria considerando-o Senhor e aí estaria sendo Servo. Resolve então repetir a oração: ‘Senhor, quero ser servo servidor como o seu filho o foi.’. Decide não fazer a oração prevista para hoje nos Exercícios de Santo Inácio de Loyola na vida diária que está fazendo. Sim. Esta é hoje a minha oração. Rezo sobre o Servo Servidor e coloco-me disponível para sê-lo também.

Leva na mão as folhas com as duas últimas cartas catequéticas para Mônica. Resolve ir até o shopping. Quer esperá-la ao final do seu trabalho. Pensa no quanto é dura a realidade da amiga. A loja fecha à meia noite e as empregadas, antes de poderem ir embora ainda têm que arrumar todas as prateleiras para o dia seguinte. Geralmente só saem meia hora depois.

Ainda falta uma hora quando chega ao shopping. Senta-se na lanchonete e, enquanto toma o suco de laranja, repara nas pessoas que saem da última sessão do cinema. Deve ter sido uma comédia, pensa. Saem todos rindo. São em sua maioria casais. Pensa em Mônica e no quanto ela ficará surpresa ao encontrá-lo ao sair da loja. Ela ficou de me escrever a resposta à carta catequética e não o fez, relembra.

Custa a passar o tempo. Ufa, até que enfim chegou a hora. Mônica sai e seu rosto é um sorriso só quando o vê. –Robson! Você aqui? Que surpresa mais agradável. Adorei que tivesse vindo! Sabe, falava de você para as colegas nesse final de expediente na loja. Uma das minhas novas amigas vendedoras faz parte de uma comunidade católica e também estuda bastante a sua fé. Disse-lhe das suas cartas catequéticas e do quanto elas estão me ajudando a entender melhor a minha fé tão infantil e adormecida faz tanto tempo e do como pretendo, a partir delas, aprofundar-me mais no estudo de Jesus Cristo para poder ajudar mais ao papai que está vivendo tão grandes problemas. Por falar em papai, eu dei pra ele ler as suas cartas catequéticas. Ele adorou. Disse-me que tem algumas dúvidas e que quer conversar com você a respeito. Pediu que eu lhe dissesse para que não demore a visitá-lo novamente. -Sabe, Mônica, não resisti. Queria lhe trazer as duas últimas cartas. Acabei de fazê-las e vim aqui para lhe entregar. Quanto ao seu pai, diga a ele que mais breve do que ele possa esperar, estarei lá na sua casa para visitá-lo.

Saem do imenso templo de consumo, o shopping center e vão caminhando até o ponto do ônibus. As ruas muito vazias contrastam enormemente com o estado dos seus corações, tão plenos de alegria. Noite bonita. Sopra um vento gostoso e refrescante. Ficam em silêncio um tempo enquanto caminham. Robson então fala:

-Mônica, tenho uma coisa para lhe pedir mas não sei como fazê-lo. -Ah, Robson, você e a sua mania de me deixar curiosa. Diga logo o que quer me pedir... -É que nesses últimos dias a tenho conhecido mais e mais ainda tenho lhe admirado. Quero estar bem junto de você. Acho que trazer as cartas foi uma desculpa. Sabe, Mônica, o que quero mesmo é pedir pra gente namorar...

O rosto de Mônica fica vermelho. Ela parece não ter entendido. Robson não sabe como repetir o pedido. Tão difícil foi ter-lhe falado aquilo. Não conseguiria repeti-lo. Coração faz tumbumtum, fortíssimo, dentro do peito. Silêncio imenso e absoluto que grita na madrugada da cidade grande

-Eu quero, é claro que eu quero, lhe diz por fim Mônica, depois dum silêncio que parecera durar séculos. -Você não imagina o quanto está me fazendo bem este convívio com você. Que bom que você quer me namorar. Eu também quero namorar você, Robson.

Somente aquelas teimosas e poucas estrelas que foram capazes de vencer a quantidade imensa de prédios da cidade e aparecem brilhando sobre a rua em que eles caminhavam, foram as testemunhas daquele momento tão sublime. Daquele instante em que, de mãos dadas, eles sentiram um vislumbre da imensa maravilha do que o nosso Deus lhes prepara para a eternidade.